



Liliete Simões Matias

# Projecto de Intervenção Social – “*Passo a Passo*”

Violência Doméstica no Concelho de Ourém

Relatório de projecto de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra sob orientação da Professora Doutora Clara Cruz Santos.

Coimbra 2012





• U C • FEUC FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U C • FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA  
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Liliete Simões Matias

---

Título: Projecto de intervenção Social “*Passo a Passo*” Violência no Doméstica no Concelho de Ourém

---

Projecto de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e com vista à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Inovação e Empreendedorismo.

Orientadora: Professora Doutora Clara Cruz Santos

Coimbra 2012

## **AGRADECIMENTOS**

A concretização deste trabalho só foi possível com apoio de algumas pessoas que não posso deixar de agradecer.

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família, aos meus pais, que são a pedra basilar da minha vida. Ao meu irmão e a Cátia pelo apressado que tiveram comigo.

Aos meus avôs que são um exemplo de coragem e vida.

Aos meus tios, especialmente à minha Tia Eugénia pelos constantes telefonemas de preocupação.

Aos meus primos principalmente Graciete, Nélio, Cláudia, Jorge pela energia positiva que sempre deram.

Aos meus amigos particularmente à Patrícia (Ticha), Elisabeth (Beta), Marlene, pela força dada, pela paciência da minha ausência, por estarem sempre presentes nas horas mais complicadas.

Ao pessoal do MPP, pelo grupo fantástico que são.

A minha colega de trabalho, à Sílvia, pela preocupação e compreensão nas horas de mais desalento.

A Isabel Vieira pelo apoio incondicional que sempre revelou comigo.

Aos meus colegas de curso Isa Marques, Elsa Simões e, um especial agradecimento ao José Vicente, pelo encorajamento e motivação que sempre demonstrou ao longo desta caminhada, obrigado Zé.

E por fim quero deixar um enorme agradecimento à professora Clara Cruz Santos, minha orientadora, pela sua paciência e empenho demonstrado ao longo desta penosa caminhada. A todos vocês que nunca deixaram de acreditar em mim, que me fizeram e continuam a fazer sorrir, que dão alegria, sabor e cor à minha vida,

O meu sincero e muito obrigado.

## PENSAMENTO

### *Mudam-se os tempos...*

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o Mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto:  
Que não se muda já como soía.

Luís Vaz de Camões<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> [http://poemasdomundo.wordpress.com/2006/10/29/mudam-se-os-tempos-mudam-se-as-vontades/acedido em 10 de Setembro de 2011](http://poemasdomundo.wordpress.com/2006/10/29/mudam-se-os-tempos-mudam-se-as-vontades/acedido-em-10-de-Setembro-de-2011)

## RESUMO

A violência doméstica é um fenómeno social de grande complexidade, que não pode ser tratado de forma superficial. O interesse social em torno deste problema despoletou a preocupação na sociedade em geral, e particularmente em todos actores envolvidos na educação dos mais jovens. Devido ao aumento dos casos da violência do namoro existentes entre jovens e pelo impacto negativo que a violência doméstica tem na sua aprendizagem escolar e na vida, é urgente que se tomem medidas preventivas que funcionem como ferramentas a serem usadas para afastar este flagelo social.

Neste contexto o projecto apresentado visa a prevenção em contexto escolar de situações de violência do namoro através de um trabalho em conjunto entre a escola e o projecto. Para o mesmo realizou-se uma investigação de forma a fundamentar empiricamente o projecto.

No decorrer da investigação os jovens que participaram neste estudo mostraram que continuamos ligados a discursos culturais que tendem a desculpar comportamentos violentos. Deste modo, o presente trabalho tendo como enquadramento a temática da violência doméstica, realizou-se em duas escolas a investigação fundamentadora do projecto de mestrado que visa a implementação de acções no contexto escolar ao nível do 3º ciclo do concelho de Ourém de prevenção da violência no namoro.

*Palavras-chave:* Jovens, Prevenção, Violência Doméstica, Violência no Namoro.

## **ABSTRACT**

Domestic violence is a social phenomenon of great complexity that cannot be dealt with lightly. The social concern surrounding this issue triggers concern in general society and, particularly, in all the parts involved in the education of youths. Due to the increase of violence episodes between young people and in relationships between couples (or courtship) and due to the negative impact that domestic violence can have on their learning at school, there is an urgent need to take preventive measures that work as tools to be used to minimize this social scourge.

This study supports the principle that prevention activities carried out in schools should be focused on transmitting and teaching appropriate relational behavior to this target audience.

In the course of research young people who participated in this study showed that we are still attached to cultural values that tend to forgive violent behaviour.

Thus, this draft report focusing on domestic violence was based empirically in the importance of prevention among teen populations, culminating in the project "*Passo a passo*" having as aim the prevention of domestic violence and courtship targeting the pupils of the "3º ciclo" (school years 7 to 9) in schools of the municipality of Ourém.

*Keywords:* youths, prevention, domestic violence, violence in courtship

## RESUMEN

La violencia doméstica es un fenómeno social de gran complejidad que no puede ser tratado de forma superficial. El interés social en torno a este problema despertó la preocupación en la sociedad en general, y particularmente en todos los actores vinculados a la educación. Debido al aumento de los casos de violencia existentes entre los jóvenes y por el impacto negativo que la violencia doméstica tiene en su aprendizaje escolar, es urgente tomar medidas preventivas que funcionen como herramientas para poner fin a este flagelo social. Con el visible crecimiento de este tormento entre la comunidad escolar, se constató en este estudio que son necesarias acciones de prevención, desde las escuelas, orientadas a transmitir, enseñar relaciones y comportamientos adecuados a esta población.

En el desarrollo de la investigación los jóvenes que participaron demostraron que son muy arraigados los discursos culturales que tienden a disculpar los comportamientos violentos. De este modo, el presente trabajo tiene por objetivo proceder al encuadramiento teórico de la temática de violencia doméstica, a la investigación realizada en dos escuelas, resaltando la importancia de la prevención junto a las poblaciones juveniles, finalizando con un proyecto dirigido a la prevención de este problema en los alumnos del 3º ciclo de las escuelas del Consejo de Ourém.

*Palabras claves* : Jóvenes, Prevención, Violencia Doméstica y en el enamoramiento, Comportamientos. Relaciones

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Recolha de dados referentes aos questionários.....	42
Tabela 2 – Rede educativa de Ourém (fonte Município de Ourém) .....	53
Tabela 3 – População Residente por grupo etário (Fonte: Instituto Nacional de Estatística).....	54
Tabela 4 – População residente segundo o grau de ensino Fonte: Instituto Nacional de Estatística – Portugal, Censos de 2001 .....	54
Tabela 5 - Análise Swot .....	60
Tabela 6 – Análise dos Stakeholders .....	61
Tabela 7 – Acções que se pretendem realizar.....	66
Tabela 8 - Cronograma das acções .....	67
Tabela 9 – Indicadores de Avaliação e instrumentos a aplicar.....	69

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ciclo da violência .....	20
Figura 2 – Arvore de problemas .....	58

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total das respostas dos alunos da escola A e B, na seguinte questão: “ Coloca um círculo nas palavras que aches que estão relacionadas com a violência .....	45
--	----

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS .....	i
PENSAMENTO .....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
RESUMEN .....	v
INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA DOMÉSTICA .....	12
1.1 - Conceito e Formas de violência doméstica.....	12
1.1.1 - Violência Física.....	18
1.1.2 - Violência psicológica/emocional .....	18
1.1.3 - Violência Sexual .....	19
1.2 - O ciclo da violência doméstica.....	19
CAPÍTULO II - CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA .....	23
2.1 -A violência doméstica em Portugal .....	24
2.2 - Perspectiva Jurídica .....	28
2.3 - Recursos em Portugal referentes a Violência Doméstica .....	32
CAPÍTULO III – VIOLÊNCIA NO NAMORO.....	34
CAPÍTULO IV – FUNDAMENTAÇÃO EMPIRICA DO PROJECTO “PASSO A PASSO” .....	37
4.1 - Questões de Investigação .....	38
4.2 - Procedimentos .....	39
4.3 - Apresentação e discussão dos resultados.....	40
CAPITULO V – PROJECTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL “PASSO A PASSO” ....	49
5.1 - Apresentação do Projecto.....	49
5.2 - Diagnostico Social .....	52
5.2.1 -Apresentação do Concelho .....	53
5.3 - Concelho de Ourém .....	53
5.3.1 - Principais Problemáticas Sociais Identificadas.....	55
5.4 -Técnicas Prospectivas do Planeamento do projecto “ <i>passo a passo</i> ” .....	56
5.4.1 - Árvore de Problemas .....	57
5.4.2 - Analise Swot .....	59
5.4.3 - Analise dos Stakeholders.....	61
5.5 - Objectivos do Projecto.....	63
5.6 - População – alvo.....	63

5.7 - Acções.....	64
5.8 - Cronograma.....	67
5.9 - Avaliação.....	68
CONCLUSÃO .....	70
BIBLIOGRAFIA.....	74
ANEXOS .....	80

## INTRODUÇÃO

Vivemos uma crise multiforme que não pode ser ignorada, crise económica, crise dos vínculos sociais, crise das instituições, crise moral, crise nos relacionamentos, nas mentalidades e nos comportamentos humanos. Crises essas, alimentadas pelos paradoxos desenvolvidos na sociedade.

Neste trabalho abordamos a temática da violência doméstica e do namoro apesar de homens e mulheres poderem ser responsáveis por actos violentos, as evidências estatísticas apontam para o facto de existir uma maior incidência de violência sobre as mulheres, sendo a maioria dos agressores homens e a maioria das vítimas mulheres, as quais possuem um maior risco de vitimação no seio do casal (Manita, 2005).

A violência doméstica tem sido definida como um padrão de comportamentos abusivos que incluem uma variabilidade de maus tratos possíveis, desde físicos, sexuais e psicológicos. Estes comportamentos são aplicados por uma pessoa a qualquer outra que habite no mesmo agregado doméstico privado ou que, não habitando com o agente da violência, partilhe o seu contexto de intimidade, com o objectivo de adquirir poder ou manter essa pessoa sob controlo (Antunes, 2002).

Apesar do muito que se progrediu em termos de condição feminina, as raparigas ainda são educadas para idealizar o amor. No entanto, uma das grandes diferenças entre a violência nas relações adultas e nos adolescentes é que as raparigas mais novas também são agressivas nas suas relações amorosas.

Numa relação saudável ninguém exerce autoridade abusiva sobre o outro e ambos mostram afecto, respeito e apoio mútuo. É normal que entre um casal de namorados surjam conflitos mas é importante diferenciá-los das situações de violência. Os conflitos surgem em diversas ocasiões e resolvem-se através do diálogo e da procura conjunta de soluções. Não há que temer os conflitos, pois eles ajudam a construir uma relação saudável a dois.

Numa situação de violência, um dos membros do casal tenta exercer poder e controlo sobre o outro, não respeitando as suas ideias e opiniões. Tal como no casamento, também no namoro o medo da vítima é frequentemente um aliado do agressor. O receio de perseguições e retaliações acaba por levá-la a render-se ao domínio do namorado/a.

A sociedade tem vindo a sofrer significativas transformações. A família, núcleo primordial de educação a delegar esse papel para a escola, dado que é no contexto educativo que as crianças passam a maior parte do dia. Todavia, nenhuma outra instituição poderá jamais substituir as condições educativas da família, nem parece ser razoável que

seja unicamente a escola a ensinar valores tão necessários para o normal desenvolvimento da criança tais como: a democracia, o viver em comunidade. Para abordar o tema de uma forma abrangente que atinja o maior número de pessoas quer sejam crianças, jovens ou adultos, acreditamos num trabalho de prevenção com o envolvimento das instituições de saúde e educação, onde todos os actores trabalhem de forma interdisciplinar entrosando conhecimentos e competências no intuito de promover comportamentos e estilos de vida saudáveis.

Neste quadro analítico coloca-se a pertinência de desenvolver um projecto de prevenção de violência doméstica no concelho de Ourém, sem esquecer que só faz sentido realizar e dar ênfase a este projecto promovendo actividades inovadoras e portadoras de mudança social. Para que tal aconteça é necessário ter espírito empreendedor fazendo que todos os intervenientes se apropriem da ideia, que é urgente incentivar os jovens e a sociedade em geral à mudança de comportamentos de risco. Por outro lado parte-se da argumentação que a prevenção da violência doméstica deve iniciar-se de forma primária ao nível das relações de namoro que minimizem, muitas vezes, o funcionamento da relação conjugal que os jovens reconhecem em casa ou noutros ambientes.

Um dos importantes estudos no nosso país, onde são apresentados indicadores de prevalência da violência sexual e os principais factores de risco para a sua ocorrência e onde se caracteriza a cultura de prevenção existente a este nível é o livro de Sónia Caridade (2011) com o título de *“Vivências Íntimas Violentas - Uma Abordagem Científica”*.

Este projecto tem como objectivo principal a promoção de acções de sensibilização vocacionadas para a prevenção junto dos alunos das escolas do concelho de Ourém relativamente à problemática da violência doméstica conjugal e violência no namoro. Para justificar as actividades supra citadas, como pode ser analisado no capítulo III, foi realizado um estudo empírico que teve como propósito uma auscultação sobre os comportamentos de violência doméstica/namoro nas escolas do concelho de Ourém, a metodologia utilizada na investigação foi a observação directa e de aplicação de inquéritos por questionário.

A violência doméstica não tem distinção de cor, classe social ou de idade, atinge não só as mulheres, mas filhos, famílias e os próprios agressores. Para que se entenda o Ciclo da Violência é importante definir o conceito e formas de violência doméstica e do namoro.

## CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

### 1.1 - Conceito e Formas de violência doméstica

A violência doméstica é, antes de mais, uma forma de violência, assim sendo, é necessário definir o termo violência no seu sentido mais amplo. A violência é um fenómeno humano, que tem a sua origem na sociedade, é intrínseca à condição humana, e emerge das relações interpessoais. Etimologicamente a palavra violência deriva do latim *Violentia* que significa “*carácter violento, ou bravio, força*” pode significar “*projectão de uma força contra qualquer coisa*” (Dias, 2004:88). Segundo a Revista *Économie et Humanisme* (1969) citado por Fischer (1992),

*“ A violência é uma coação física ou moral, de carácter individual ou colectivo, exercida pelo homem sobre o homem, na medida em que é sofrida como um ataque ao exercício de um direito reconhecido como fundamental” (Fischer,1992:18).*

Reconhecemos no argumento de Fischer não só a noção de violência mas também a violação dos direitos universais. Esta perspectiva parece-nos assaz importante, pois a nosso ver e em consentaneidade com Michaud (1978 in Fisher, 1992:18) , a violência consiste no não reconhecimento do outro como pessoa, da sua desqualificação pessoal e social quando:

*“numa situação de interacção, um ou vários actores agem de maneira directa ou indirecta, em massa ou dispersos, atacando uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja na sua integridade física ou na sua integridade moral, seja nos seus bens ou nas suas participações simbólicas e culturais” (idem).*

Khan, citado por Dias (2004), considera a violência como:

*“o exercício de uma força física visando atingir ou causar danos a pessoas ou bens; uma acção ou comportamento assim caracterizados; um tratamento ou costume tendendo a causar danos físicos ou a usurpar pela força a liberdade de um indivíduo” (Dias,2004:88).*

Assim, podemos dizer que a violência poderá ser o uso de meios físicos e/ou psicológicos para atingir outrem causando-lhe algum tipo de dano, como refere Vicente (2000), a violência é intrínseca à natureza humana das mulheres e dos homens e cabe à cultura a sua sublimação e controlo. Já Rodrigues (2007), alerta-nos para o facto de durante muito tempo o conceito de violência basear-se apenas nos actos de violência física, descurando outras dimensões de violência; como a violência psicológica, sexual, negligência, entre outras. No entanto, os critérios e representações da violência foram sendo alterados, daí a actual diversidade do termo violência.

Actualmente, a violência, é tida como:

*“qualquer acto que, consciente ou inconscientemente, ignore, impeça ou atente contra os direitos humanos e de cidadania; qualquer acto que vise constranger uma pessoa a fazer o que não deseja, ou o que não é aceite dentro dos padrões sociais, seja por uma questão de sobrevivência, seja para atender aos fortes apelos sociais, como, por exemplo, o consumo”* (Alves,1997 citado por Rodrigues,2007:42).

A violência doméstica é uma das formas de violência, no entanto, segundo Dias (2004), este é um conceito recente, trata-se de um conceito *“largamente construído que integra e liga entre si inúmeros e distintos tipos de abuso cometidos sobre os membros da família”*, não esquecendo que a família será o marido, a esposa e os filhos, e por vezes, pode englobar o pai/mãe do marido ou da esposa.

*“a família é composta por seres humanos que têm entre si laços privilegiados, em princípio baseados na afectividade, mas feita também de rejeições.”* A violência está presente nos laços familiares. *“É na família que a criança descobre, por vezes pela primeira vez, a violência e o inesperado”* (Fischer,1992:68).

Nesta linha de pensamento Pagelow in Dias (2004:91), reforça ainda que a violência doméstica, tem como principal característica o facto de ocorrer no seio familiar, sendo que, a família pode ser entendida segundo um modelo dicotómico interior/exterior. Em que o interior é visto como um *“núcleo caloroso, um refúgio, e um lugar afectivo”*, e o exterior como um meio agressivo do qual o individuo se tem que proteger. O autor (idem:92) considera ainda que a *“violência doméstica vai privando os outros membros da família de direitos e liberdades iguais, e/ou interferindo com o seu desenvolvimento normal e a sua liberdade de escolha”*.

Também, na mesma linha de pensamento, Dias (2004) cita Andrews, que define a violência doméstica como

*“Qualquer acto ou ameaça que resulte em injúria física ou psicológica e que é praticado por uma pessoa contra outro indivíduo com o qual teve ou tem parentesco por laços de sangue ou casamento ou outra forma legal de parentesco ou com quem tal está ou estava legalmente a residir”* (Dias, 2004:92).

A violência doméstica poderá, desta forma, ser qualquer tipo de acto ou omissão que tenha por fim provocar prejuízo a outro indivíduo, com o qual tem ou já teve determinado tipo de relação familiar. Mas Cunha (2008), citado por Oliveira *et al* (2009), alerta-nos dizendo que violência, neste caso a violência doméstica, está presente em diferentes lugares e afecta diversas pessoas independentemente da idade, habilitações literárias, cor, condição social, etnia. Envolve actos repetidos; que têm tendência a agravar-se com frequência e intensidade, de opressão, humilhação, agressão física e sexual,

ameaças e até mesmo a morte. A violência doméstica não acontece só dentro de residência doméstica, mas também em espaços públicos, contudo é no âmbito doméstico onde acontecem as mais terríveis humilhações.

Como estamos a aferir, definir o conceito de violência doméstica não é pacífico, Duarte e Duarte, (2000: 12) referem que a violência doméstica tem que ser analisada considerando o contexto social, económico, político e até religioso em que se insere, outros, como Alarcão (2004:7) para quem a definição mais genérica de uso de força, seja física, psicológica, económica ou política tornou este assunto numa preocupação que deve ser encarada por quem governa como um flagelo social a combater. Muitos autores cruzam entre si a mesma linha orientadora, a violência doméstica cada vez mais é um assunto que deve estar na esfera pública afim de se poder combater e diminuir.

No Manual de Recursos da Direcção Geral de Saúde (2003:13) a violência doméstica é definida como abrangendo situações de violência física e sexual, tais como empurrões, beliscões, cuspidelas, pontapés, espancamentos, murros, estrangulamentos, queimaduras, agressões com objectos, esfaqueamentos, uso de água a ferver, ácido e fogo. Um pequeno incidente pode aumentar de frequência e intensidade podendo levar à própria morte.

*“A violência doméstica contra a mulher é uma faceta de um problema social mais grave, que é a violência de homens contra mulheres na sociedade e a subalternidade em que a divisão social do trabalho tem colocado as mulheres (...) A ocorrência de violência contra a mulher está intimamente fundamentada nas estruturas sociais que encorajam e perpetuam a dominação dos homens sobre as mulheres” (Cunha cit. por Oliveira et al,2009:124).*

As estatísticas evidenciam que o homem é quase sempre o agressor. No entanto nos últimos anos tem-se constatado um aumento de vítimas masculinas que se deve a factores como: a entrada da mulher no mercado do trabalho, a igualdade de oportunidades na chefia do agregado familiar e outras razões quase sempre de ordem económica que fragilizam o agredido.

A violência é muitas vezes considerada como uma manifestação tipicamente masculina, uma espécie de instrumento para a resolução de conflitos. *“ Quem manda lá em casa é o galo, aquilo é que é um homem! Trás a mulher na linha!... se bateres na tua mulher e não souberes porquê, não te preocupes, porque ela sabe”.*(Costa & Duarte:13). Os papéis ensinados na infância fazem com que as crianças aprendam a lidar com as emoções de forma diferente. Os rapazes são ensinados a reprimir as manifestações de algumas formas de emoção, como amor, afecto e amizade, e estimulados a exprimir outras, como raiva, agressividade e ciúmes. Essas manifestações são tão aceites que, muitas vezes, acabam por representar uma “desculpa” para actos violentos. Convém ainda realçar que

grande parte dos agressores não sente o seu comportamento como sendo problemático, não sentindo, por isso, necessidade de o alterar.

Em suma, podemos dizer que, a violência doméstica, é “ *o uso de força física, verbal ou emocional, bem como os ataques para controlar e manter o poder através da ameaça e da intimidação junto de alguém durante um determinado período de tempo.*” (Levy cit. por Costa e Duarte,2000:25). Na perspectiva de muitos autores, a violência doméstica é uma forma de controlo de um membro de casal para com o outro. Neste tipo de violência é habitual que o primeiro contacto violento comece por injúrias ou ataques emocionais, muitas vezes como refere Silva (1995) as agressões verbais, psicológicas e de foro económico são frequentes no casal, no entanto, é a violência física a que mais abertamente viola o direito da pessoa à sua individualidade e autonomia, na medida em que a força física é por si só um comportamento mais impositivo do que o das palavras ou atitudes. Por sua vez alguns autores referem que a pressão exercida através de actos repetitivos, que se vão agravando continuamente, como coerção, humilhação, desqualificação, ameaças variadas provocam perda de confiança e auto-estima nas vítimas levando-as à exaustão e à perda da sanidade mental, resultando em danos emocionais permanentes, tanto para a vítima quanto para seus filhos.

Apesar de aparente consensualidade da definição de violência doméstica, existem, todavia diferentes formas de violência doméstica que vão desde as consideradas como menos visíveis mas igualmente penosas para a vítima como a violência psicológica (um exemplo de violência psicológica é o bloqueio ao acesso a recursos económicos), a formas mais visíveis como a violência física que será mais fácil de detectar, pois os sinais são mais evidentes, como iremos referir mais à frente.

Para existir violência tem que existir um vitimador, uma vítima e o exercício de poder através do uso da força (Alarcão 2002). O uso da força poderá revestir formas como a força física, a força psicológica, a económica e política, sendo sempre, utilizada como um método de resolução de conflitos interpessoais. Apresenta-nos também a distinção entre comportamento violento e comportamento agressivo, sendo que no primeiro o vitimador não tem como intenção magoar a vítima e no comportamento agressivo o objectivo é fazer mal à outra pessoa.

Segundo Alarcão (2002: 123-126) todo o casal é composto por três elementos: eu, tu e nós. Cada elemento, o eu e o tu, que formam o casal possui sentimentos, desejos, valores, atitudes, comportamentos individuais, correspondentes às características físicas, cognitivas, emocionais e morais. O nós corresponde ao projecto conjunto do casal, às suas histórias familiares, à comunidade e sociedade envolventes. Assim, considerando todos

estes factores o casal tem que procurar a sua identidade, partilhando e negociando posições, na procura de um modelo comunicacional favorável a uma relação positiva. É nesta procura de equilíbrio que muitas vezes o casal define duas posições a de dominador e a de dominado. Nalguns casais, e ainda de acordo com Alarcão (Idem), o elemento dominado apresenta-se com um modelo de vinculação insegura, ansiosa e de dependência, enquanto que o dominador se apresenta como prestador de cuidados e detentor do poder, não sendo viável a oscilação de complementaridade, pois ambos desde sempre assumiram estes papéis. Noutros casais, dominador e dominado, foram ao longo da sua vida, em diferentes contextos, desenvolvendo o papel de vitimador e vítima e enquanto casal desenvolvem este estilo comunicacional, gerando situações de violência que perpetuam a relação. “(...), *é importante não esquecermos que o poder da vítima é muito grande e, normalmente, é aquele que ela sabe ter. Razão pela qual dele não quer desfazer-se.*” (Alarcão, 2002: 126)” Por vezes as pessoas com comportamento violento pretendem que, através do uso da força, o outro se submeta à sua pessoa, seja quem ele quer, se vergue ao seu poder, e a sua vontade, as vítimas deixam de ser elas próprias e passam a ser uma pessoa que o outro quer que sejam, deixando morrer a sua essência e vontade própria.

Goleman (1997:18-19) refere-nos que hoje assistimos a um crescendo de notícias de violência “que retratam um aumento da inépcia emocional, do desespero, da inquietação das nossas famílias, nas nossas comunidades, nas nossas vidas colectivas.” Decorrente de diferentes estudos científicos, Goleman refere-nos que as posições éticas que tomamos ao longo da vida são decorrentes da capacidade emocional que está subjacente.

Mas a violência pode-se traduzir de formas variadas, por exemplo, na Ásia, o número de mulheres é consideravelmente inferior ao dos homens, isto porque, são mortas através do aborto selectivo, discriminação de tratamento em matéria de saúde, alimentação e higiene e pela sobre mortalidade feminina na infância. Esta situação ocorre pelo reduzido número de filhos e pela preferência por filhos homens. Em 1993 a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres veio definir a violência sexista como:

*“A expressão “violência contra as mulheres” designa todos os actos de violência dirigidos contra o sexo feminino e que causem ou possam causar às mulheres danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos, inclusivamente a ameaça de tais actos, a coacção ou privação arbitrária de liberdade, na vida pública como na vida privada.”*

Uma definição tão abrangente quanto é possível englobar maus-tratos infligidos no mundo, como sejam, as violações dos direitos das mulheres em contexto de guerra, a escravidão sexual e gravidez forçada, os maus tratos físicos, sexuais e psicológicos em família, as mutilações sexuais, o assédio sexual e o tráfico de mulheres. Em Junho do mesmo ano na

Conferência Mundial sobre os Direitos do Homem que teve lugar em Viena, veio ajudar a definir o conjunto dos maus tratos que ocorrem no mundo, nomeadamente “(...) as violações dos direitos das mulheres em situações de conflito armado, inclusive a violação sistemática, a escravidão sexual e a gravidez forçadas; os maus-tratos físicos, sexuais e psicológicos praticados no seio da família, inclusivamente os que se encontram ligados ao dote e à violação conjugal; as mutilações sexuais, o assédio sexual, a exploração e o tráfico de mulheres.” (Treiner, 2007:12).

Em Janeiro de 2005 as Nações Unidas tornaram públicos os “Objectivos de Desenvolvimento do Milénio”, onde um dos objectivos consta que mulheres e crianças têm que estar protegidas da violência para poderem ter uma vida produtiva. Mas se em temas sociais e culturais existe uma preocupação global com todos os actos no que segue ao enquadramento legais a violência doméstica insere-se no Art. 152º do Código Penal:

*“maus-tratos físicos; maus-tratos psíquicos; ameaça; coacção; injúrias; difamação e crimes sexuais, e em sentido lato, que inclui outros crimes em contexto doméstico, como a violação de domicílio ou perturbação da vida privada; devassa da vida privada (imagens; conversas telefónicas; emails; revelar segredos e factos privados; etc.); violação de correspondência ou de telecomunicações; violência sexual; subtracção de menores ; violação da obrigação de alimentos; homicídio: tentado/consumado; dano; furto e roubo. (Manual Alcipe, 1999:21).*

Ao longo dos séculos as mulheres têm sido intituladas como o sexo fraco e consideradas como propriedade do homem. Primeiramente do pai e depois do marido. No acto do casamento religioso, ainda é o pai que acompanha a filha e simbolicamente a entrega no altar ao futuro marido. Desde 1945 que as Nações Unidas têm promovido a adopção do princípio da igualdade entre as mulheres e os homens, procurando que os Estados membros, através das suas legislações, eliminem os factores discriminatórios (Livro Negro das Mulheres, 2006: 691). Em 1979 é adoptado pelos Estados membros da ONU a Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres, mais Silva (1991), considera que, a violência doméstica é um tema recente nas preocupações sociais dos países ocidentais. A partir da década de 70, a bibliografia confirma a existência de um fenómeno de abuso contra as mulheres no casal. Apesar da legislação proteger actualmente a mulher, a autora defende que o sistema penal é inadequado quanto à intervenção na violência doméstica; vários são os factores que inibem a vítima de apresentar queixa (ausência de testemunhas da agressão, o medo de apresentar queixa, a reconciliação que frequentemente se segue à agressão e, a longa duração do processo que poderá terminar numa absolvição).

Silva (1991), refere que a submissão da mulher no casal não acaba com o reconhecimento social do direito à igualdade; apesar de a mulher ter o domínio na família, a “autoridade matril na família”; a estrutura social é de tipo patriarcal.

Segundo a mesma autora, a história das sociedades evidencia o estatuto social de submissão que a mulher sempre teve, em quase todas as sociedades, em relação aos homens. Nas sociedades ocidentais, a regra patriarcal da autoridade do homem na família atribuía ao marido, para além do poder económico sobre mulher e filhos, o controlo moral que incluía os direitos (quando não o dever) de os castigar fisicamente. O poder atribuído ao homem “*ainda hoje é evidente mesmo nas sociedades de economia mais desenvolvida do mundo ocidental*” (Silva,1995:13).

Stark e McEvoy(1970); Greenblat (1983) citados por Silva (1991), argumentam que apesar da opinião pública não aceitar os actos de violência entre cônjuges, verifica-se a aceitação social do direito do homem bater na mulher; existe uma “ilegalidade legítima” que a sociedade aceita e o Estado evita afrontar, Silva (1995) complementa essa linha de pensamento dizendo que na quase totalidade dos países da Europa Ocidental e da América do Norte, o tema da violência contra as mulheres tem vindo a constituir uma preocupação importante. Os Estados organizam medidas de prevenção e repressão da violência doméstica, não se admite oficialmente a opinião de que o marido tem o direito de bater na mulher. Em Portugal várias políticas têm surgido para combater a violência doméstica, mas falaremos dessas políticas sociais mais à frente. Para definir as formas de violência doméstica, temos de distinguir a violência doméstica em três tipos de violência: física, psicológica, e sexual, como explicaremos de seguida.

### ***1.1.1 - Violência Física***

A violência física refere-se a qualquer conduta que ofenda a integridade física. Inclui qualquer forma de contacto que magoe a vítima, a bofetada, o murro ou o pontapé aos espancamentos ou agressões com objectos e armas. As lesões ou marcas nem sempre são visíveis uma vez que grande parte dos agressores, se certificam que as mesmas fiquem escondidas sob as roupas. Os únicos sinais de alerta frequentes e possíveis de se observarem são lesões com diferentes tempos de evolução, em locais pouco comuns ou traumatismos do tipo acidental em diferentes localizações do corpo.

### ***1.1.2 - Violência psicológica/emocional***

É um tipo de violência em que o agressor utiliza como estratégias a desvalorização e a humilhação da vítima, incutindo-lhe, constantemente, os sentimentos de culpa e de responsabilidade pelo episódio de violência (Labrador et al., 2004). São, também, muito

frequentes a hostilização, a rejeição, a indiferença, a discriminação, os abandonos temporários, bem como as mais variadas críticas (Magalhães, 1999). Por vezes o agressor, tenta isolar a vítima socialmente, a intimidação, as ameaças, críticas, ciúmes possessivos, controlar todos os movimentos, o controlo da vítima. Por vezes os agressores, limitam o acesso à saúde e educação, mantendo as vítimas dependentes do agressor, mesmo financeiramente (Matos, 2003). Este aspecto acaba por dificultar o levantamento e interpretação de sinais e sintomas. Ainda assim, quando alguém é vítima de violência psicológica é frequente a ocorrência de auto-mutilações, infecções, asma, alergias, doenças cutâneas, bem como sinais físicos de privação, nos casos mais severos (Magalhães, 1999).

As consequências da violência psicológica podem ser variadas, passando pela baixa auto-estima, medo de estar em público, depressão, distúrbios alimentares, tristeza, e por vezes pode levar mesmo ao suicídio.

### ***1.1.3 - Violência Sexual***

É entendida como qualquer tipo de contacto e/ou comportamento sexual não desejado pela vítima mas que lhe é imposto, agressões sexuais ou violação.

São casos de difícil detecção e diagnóstico, uma vez que poucas vezes são visíveis lesões físicas ou vestígios de outro tipo que constituam indicadores fiáveis. O medo ou vergonha, o intervalo de tempo entre a ocorrência e o exame médico-legal é superior ao desejado (48 horas), o que torna difícil qualquer diligência no sentido de identificar a agressão e o agressor (Magalhães, 1999). O Manual Alcipe (1999) refere que as reacções destas vítimas parecem seguir um padrão típico, variando, no tempo de recuperação, sendo um comportamento padronizado existe uma necessidade emergente e real de clarificar e entender essas rotinas como forma de explorar instrumentos que sirvam como referencial técnico-científico e exemplificativo como a figura 1,(ciclo da violência doméstica) que se apresenta de seguida.

## **1.2 - O ciclo da violência doméstica**

A circularidade dos comportamentos abusivos refere-se ao facto destes seguirem um comportamento padronizado com um início e um fim para, um pouco mais tarde, se reiniciarem, prolongarem e serem novamente interrompidos até uma nova ocorrência, o que levou à conceptualização do chamado Ciclo da Violência Conjugal (Manual Alcipe, 1999). “*Tornar-se um casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida familiar*”, podemos ler em McGoldrick (1995:186). Muitas vezes o casamento é uma solução para a resolução de problemas individuais, ou dificuldades com a própria família

ou até para cumprimento de rituais familiares, muitas vezes nesses rituais familiares surge a violência doméstica abrangendo todas as situações de violência física, emocional e sexual que ocorrem entre os cônjuges, sendo estas cíclicas e que vão aumentando agressividade (Alarcão, 2002:). Todavia, a violência inicia-se de forma psicológica, através da humilhação em privado ou publicamente, incutindo sentimentos de vergonha e medo à vítima. Segue-se a violência verbal utilizando os gritos, insultos e ameaças de homicídio ou suicídio. A vítima inicia um processo de depressão necessitando muitas vezes de recorrer aos serviços de Psiquiatria. Neste crescendo de intensidade, por fim, o agressor utiliza a violência física e mesmo sexual.

O Ciclo da Violência Conjugal pode ser entendido como um círculo, que começa, desenrola-se e termina, recomeçando na fase em que teve o seu início. Nos casais onde existe violência, ela não acontece de forma constante, nem fortuita, conforme explicou Walker na sua teoria sobre o “ciclo da violência” (Manual Alcipe 1999).

O ciclo da violência expõe as três fases que constituem o episódio violento:

Figura 1 - Ciclo da violência



Fonte: (Manual Alcipe 1999:26)

Assim podemos verificar que a 1ª Fase – Corresponde ao período de aumento e acumulação da tensão. Durante esta fase existem manifestações “menores” de violência, tais como as agressões verbais e as ameaças. A mulher tenta evitar a violência acalmando o marido através da satisfação das suas necessidades e desejos, que tenta antecipar. Pensa que desta forma poderá evitar a escalada, mas ela acaba por suceder, apesar de tudo, pelo que a mulher se culpa por considerar não ter sido capaz de evitar a passagem à segunda fase.

2ª Fase – Nesta fase acontece a descarga explosiva e incontrolável da tensão acumulada e a mulher é agredida, podendo a gravidade da agressão ser variável. Refere Silva (1995) que muitas mulheres provocam a precipitação desta fase, pela experiência acumulada lhes ter ensinado a sua inevitabilidade e pelo medo, raiva e ansiedade sentidos em crescendo durante a fase precedente. A experiência de maus-tratos também lhes ensinou que após o episódio violento se segue um período de acalmia.

3ª Fase – Esta fase, a última, tem sido classificada como a fase de “lua de mel” pois corresponde à manifestação de arrependimento do agressor, que se torna delicado, atencioso e apaixonado numa tentativa de compensar a sua esposa. Mostra-se determinado a mudar o comportamento e faz promessas de que não a voltará a agredir.

A esposa acredita nas promessas de alteração de comportamento e no amor que ele diz ter por ela, mas quando ela começa a agir de forma mais liberta da pressão do companheiro, ele sente que ela está a ultrapassar o limite e que tem a responsabilidade de corrigir esse aspecto. Começa novamente o ciclo, que se repetirá sucessivamente.

Explicando este ciclo dando ênfase à violência de homem para com a mulher, não podemos esquecer que pode acontecer, e acontece, muitas vezes o inverso, violência de mulher para homem, sendo o ciclo de violência o mesmo, este ciclo, além de emocionalmente desgastante e fisicamente perigoso, é vivido pela vítima numa mistura de medo, esperança e amor. Ao mesmo tempo que há um medo constante e eminente de voltar a ser agredida, há o amor pelo cônjuge e uma esperança que se prende com a vontade de que tudo mude e volte a ser como era, antes de ter começado a violência conjugal (Manual Alcipe, 1999).

A relação violenta vai assim evoluindo no tempo, em escalada contínua, com episódios violentos cada vez mais frequentes e com agressões mais graves.

Em Portugal, Elza Pais foi das primeiras autoras a interessar-se por estas questões, Elza Pais (1998), no seu estudo sobre a ruptura violenta da conjugabilidade, aponta o seio familiar como um dos locais onde o ciclo da violência ocorre com mais frequência, sendo

normalmente secreto e silencioso, mantendo-se assim na esfera do privado, não saindo para a esfera pública.

Gelles & Straus (1988) consideram que as mulheres vitimadas pelo cônjuge podem tornar-se, elas próprias, violentas e matarem-no em auto-defesa ou por retaliação de muitos anos de violência sobre elas e de sofrimento. Nesta linha de pensamento no capítulo seguinte iremos abordar as consequências da violência doméstica.

## CAPÍTULO II - CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Neste capítulo iremos dissertar sobre as consequências da violência doméstica, que podem ser muito sérias, não só para mulheres/ homens vítimas de violência, mas acima de tudo para as crianças e adolescentes que aprendem com cada situação que vivenciam.

Sendo os pais os primeiros agentes de socialização, Davies e Cumming (1994) afirmam que o conflito conjugal tem efeitos muito profundos e graves na criança e no seu desenvolvimento, mais do que os conflitos entre outros adultos. Interferem aqui factores muito importantes, como a proximidade e o contexto familiar. Assim sendo, estas crianças reconhecem o seu lar, não como um local de afectos e de bem-estar, mas como um sítio perigoso. O meio familiar ainda é considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimento da criança, um lugar “sagrado” e desprovido de conflitos. No entanto, para chegar às raízes do problema da violência doméstica é necessário modificar este mito de família, enquanto instituição intocável, para que os actos violentos ocorridos no contexto familiar não permaneçam no silêncio, mas sejam denunciados a autoridades competentes. É na relação em família que ocorrem os factos mais expressivos da vida das pessoas, tais como a descoberta do afecto, da subjectividade, da sexualidade, a experiência da vida, a formação de identidade social. A ideia de família refere-se a algo que cada um de nós experimenta, repleta de significados afectivos, de representações, opiniões, juízos, esperanças e frustrações. Assim, falar de família é falar de algo que todos já experimentaram. É o espaço íntimo, onde os seus integrantes procuram refúgio, sempre que se sentem ameaçados. No entanto, é no núcleo familiar que também acontecem situações que modificam para sempre a vida de um indivíduo, deixando marcas irreparáveis na sua existência, uma dessas situações é a violência doméstica contra a criança e o adolescente.

A criança e o adolescente são pessoas em fase de desenvolvimento e para que esse desenvolvimento aconteça de forma equilibrada é necessário que o ambiente familiar proporcione condições saudáveis para o mesmo, o que inclui estímulos positivos, equilíbrio, boa relação familiar, vínculo afectivo, diálogo, entre outros. Como refere Weiss (2004: 23)

*“aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afectivo e sua relação com a construção do conhecimento a expressão deste através da produção escolar (...). O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.”*

Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que um ambiente familiar hostil desequilibrado, pode afectar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional dos seus membros; pois, o aspecto cognitivo e o aspecto afectivo estão interligados. Assim, um problema emocional decorrente de uma situação familiar desestruturada, reflecte-se directamente na aprendizagem.

A violência doméstica tem consequências negativas não só para a vítima directa, mas também para os familiares ou outras pessoas que tentem intervir. É alvo de muita discussão por parte dos técnicos e profissionais da área da saúde mental o efeito que provoca nas crianças assistir a actos violentos. Alguns estudos afirmam que as crianças vitimas destas situações sofrem de mais distúrbios comportamentais e possuem menor capacidade de socialização que as restantes. Um estudo canadiano sugere que presenciar uma relação conflituosa e violenta entre os pais, pode levar à prática de crimes graves na idade adulta (por exemplo, agressões, tentativas de violação, tentativas de homicídio, rapto) (ONU, 2003). De destacar o risco de transmissão geracional deste comportamento, responsável, em muitos casos, pela manutenção desta forma de violência (Magalhães, 1999). Fisher refere que a violência é um ciclo vicioso: a criança que foi agredida irá agredir. “ *A criança que levou tareia, baterá, a criança maltratada, maltratará, sabemos isso; sabemos, com toda a banalidade, que a criança punida, punirá*” (Chiland citado por Fisher, 1992:72).

## **2.1 -A violência doméstica em Portugal**

Olhando a sociedade Portuguesa nos últimos tempos, o fenómeno da violência doméstica é cada vez mais visível na esfera pública, não só porque a sociedade geral nos parece estar mais sensibilizada para este flagelo social, mas sobretudo porque as vítimas parecem ter uma maior consciência de que a sua situação é um contexto de crime e não pode ser silenciado, sendo uma questão de violação dos direitos humanos.

A violência doméstica não se restringe apenas a pessoas que vivem ou viveram em situação conjugal, casadas ou não. Trata-se de um conceito cada vez mais unânime, distanciado já da época em que referir violência doméstica era sinónimo de violência praticada por homens, maridos ou companheiros, contra as mulheres, suas esposas ou companheiras, mas actualmente, este conceito é considerado limitado (Manual Alcipe2009), pois como já referimos anteriormente pode acontecer o inverso, violência de

mulher para homem. No entanto no Relatório “Mulheres (In)visíveis” da Amnistia Internacional podemos ler que

“ao longo dos tempos as mulheres foram vistas como seres inferiores, passivas, insuficientes, complementares, auxiliares, privadas, débeis, indefesas, perigosas, pueris, sedutores, impuras, contagiosas, angélicas, demoníacas, etc, mas nunca, até tempos mais recentes, se admitiu que pudesse partilhar a igualdade humana”. (11-12).

Em Portugal as questões relacionadas com a igualdade de oportunidades e de género começaram a ser alvo de discussão e alterações legislativas apenas a partir do 25 de Abril de 1974. No entanto, a aplicação da legislação ao quotidiano dos portugueses ainda não acompanha essas mesmas alterações (Perista & Silva, 2005 :13-15). Em 1980 Portugal ratificou a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, da Organização das Nações Unidas, no sentido da definição de princípios e áreas de intervenção.

Podemos ler num artigo de investigação da autoria de Elza Pais que 52,2% das mulheres, em 1995, foram pelo menos vítimas de um acto de violência em espaço doméstico, mas “*muitas mulheres continuam a considerar que em certas circunstâncias os seus maridos lhes podem bater.*” (1998: 13). A violência doméstica parece estar associada a uma cultura de classes. Enquanto nas classes consideráveis mais altas existe de acordo com Pais (1998) uma predominância de violência psicológica, nas classes sociais mais baixas ou famílias mais vulneráveis, predomina a violência física.

No Norte do País, decorrente de um estudo de ordem qualitativa, Elza Pais refere que o peso da tradição remete a sociedade para uma atitude de aceitação social e legal relativamente às situações de mulheres vítimas de violência doméstica (Idem:14).

Em 1985 foi publicado em Portugal um dos primeiros estudos sobre violência doméstica com o título “Mulheres em Discurso”. Esta publicação resultou da análise de diversos testemunhos de profissionais que lidavam diariamente com mulheres vítimas de violência doméstica, abrangendo muitas vezes os seus próprios filhos. O impacto que esse estudo teve na sociedade civil despoletou a necessidade de criar legislação adequada para combater a violência doméstica. Em 1999, através da Resolução do Conselho de Ministros nº 55/99, de 15 de Junho, foi aprovado o I Plano Contra a Violência Doméstica em Portugal, contendo medidas a adoptar em diferentes áreas, seguindo uma linha em simultâneo com a actuação da Organização das Nações Unidas e do Conselho da Europa. A eliminação da violência doméstica é o seu objectivo principal, tendo também sido previsto para o efeito, a congregação de esforços não governamentais. Em Março de 2002 na Cimeira de Lisboa os Chefes de Estado e de Governo de Estados-membros da União

Europeia, “assumiram o objectivo estratégico de tornar a Europa comunitária no espaço baseado na economia do conhecimento mais competitiva do mundo, promovendo mais e melhores empregos e mais coesão social. Neste contexto, foi assumido o compromisso de produzir um impacto decisivo na erradicação da pobreza e da exclusão social.” (PNAI 2006-2008: 5)

A nível político, os Planos Nacionais contra a Violência Doméstica são outros indicadores de mudança. Os dados disponíveis pelas diferentes Entidades, demonstram que em Portugal o número de denúncias tem vindo a aumentar de forma progressiva, sendo que continuam a ser as mulheres que sobressaem em maior número nas vítimas de violência doméstica exercida pelos seus cônjuges ou companheiros, como nos é afirmado no II Plano Contra a Violência Doméstica aprovado em 2003 através da Resolução do Conselho de Ministros nº 88/2003, de 07 de Julho (p. 2). De acordo com o referenciado no PNAI 2006-2008 (p. 35), em 2002, 85% das vítimas de violência doméstica eram mulheres e 82% dos suspeitos da agressão eram homens. Refere também que 89% destes agressores eram companheiros ou cônjuges.

Em Novembro de 2008 a UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta – em declarações à imprensa Lusa informa que no ano de 2008 o número de vítimas mortais por violência doméstica aumentou. No ano de 2007 morreram 21 mulheres e no ano de 2008 em Novembro já perfaziam um total de 40 mulheres.

O III Plano Nacional Contra a Violência Doméstica, 2007-2010, aprovado através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 83/2007 de 22 de Junho, define um conjunto de acções de prevenção e combate à violência doméstica, que de forma concertada e mobilizando todas as entidades públicas e organizações não governamentais promovam “(...) *uma cultura para a cidadania e para a igualdade, do reforço de campanhas de informação e de formação e do apoio e acolhimento das vítimas numa lógica de reinserção e autonomia*” (p. 5).

O III Plano Nacional Contra a Violência Doméstica refere como caminho para alterar a actual realidade, a necessidade de apostar na **sensibilização e prevenção** desde os mais novos até aos adultos, facultando para tal, formação sobre a problemática a todos os profissionais das mais diversas áreas e comunidade em geral, nomeadamente a pessoas que convivem de perto com situações concretas de violência e, por outro lado, promover também um maior equilíbrio nos papéis desempenhados por mulheres e homens na sociedade e na família.

O III Plano Nacional contra a Violência Doméstica é constituído por 5 áreas estratégicas de intervenção:

#### 1- Informar, Sensibilizar e Educar

- Promover valores de igualdade e de cidadania que diminuam a tolerância social e a aceitação de uma cultura de violência

- Eliminar estereótipos e mitos; alterar as representações de género e os valores que têm perpetuado a existência de relações desiguais no meio familiar, escolar e social.

#### 2- Proteger as Vítimas e Prevenir a Revitimação

#### 3- Capacitar e Reinsere as Vítimas de Violência Doméstica

#### 4- Qualificar os Profissionais

#### 5- Aprofundar o conhecimento do fenómeno da Violência Doméstica

Este plano, definido no Programa do XVII Governo Constitucional, está orientado para uma política de **prevenção** e de combate à violência doméstica, através da promoção de uma cultura para a cidadania e para a igualdade, do reforço de campanhas de **informação** e de **formação**, e do apoio e acolhimento das vítimas, promovendo a sua reinserção e autonomia.

Em Novembro de 2006 a União Europeia lançou uma campanha de luta contra a violência doméstica cujo princípio orientador assenta na convicção de que estas situações são o resultado de assimetrias de poder e de uma violação dos direitos humanos, constituindo assim, por conseguinte, um obstáculo para ultrapassar as desigualdades de género.

Em 2010 nasce o IV Plano Nacional Contra a Violência Doméstica 2011-2013, que pretende alargar a rede de apoio à vítima e uma distribuição no terreno das acções envolvendo cada vez mais as organizações não governamentais (ONG) e as autarquias no combate à violência doméstica.

Assim, foi criada uma linha de financiamento para que as autarquias e as ONG que decidam inscrever os seus projectos de combate a este crime se possam candidatar para desenvolverem acções específicas, quer ao nível da prevenção, quer do apoio.

Segundo Elza Pais em entrevista à Lusa<sup>2</sup>, a secretária de Estado afirmou que este plano pretende também “**consolidar as políticas anteriores, ao nível da protecção de vítimas, de condenação dos agressores, de todo o conhecimento dos fenómenos, da qualificação dos profissionais e da própria rede**”.

No entanto, o sucesso destas medidas passa muito por dar visibilidade à violência doméstica, porque o que não se conhece não se pode combater. Em Portugal este crime é agora visível. É um fenómeno que continuamos todos os dias a desocultar, porque ele

---

<sup>2</sup> [http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=5310](http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=5310) visualizado em 10 de Fevereiro de 2011

estava lá e vem de uma cultura que permitimos que se construísse com uma matriz de desigualdade de géneros. Este ano foram assassinadas mais mulheres do que em 2009 e aumentaram também as tentativas de homicídio: 39 mortes e 37 tentativas, segundo o relatório do Observatório das Mulheres Assassinadas da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta).

Resumindo, a pesquisa nacional e internacional, para além de denunciar de modo predominante a mulher como vítima e o homem como principal agressor na intimidade, tem-nos proporcionado uma imagem cada vez mais sustentada, completa e diversificada de actos violentos que têm lugar na privacidade. Por outro lado, o retrato de muitos desses actos ainda está incompleto. No capítulo seguinte iremos completar o nosso estudo com o enquadramento da perspectiva jurídica referente à violência doméstica.

## **2.2 - Perspectiva Jurídica**

A violência doméstica sendo actualmente considerada como um crime público, deve ser assumida como responsabilidade de toda a comunidade e não apenas de alguns serviços interventores, no sentido da protecção das vítimas de violência doméstica, porquanto, muitas vezes, pode culminar na sua morte. A política de prevenção e combate à violência doméstica passa pela criação de respostas organizadas em rede. A mobilização de todos os parceiros e, sobretudo, daqueles que, objectivamente enfrentam situações de pobreza e de exclusão social, no respeito das respectivas competências, constitui uma componente fundamental de uma estratégia integrada e participativa de luta contra a pobreza e a exclusão social.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a violência doméstica como um problema de saúde pública, pois esta tem efeitos não só sobre a integridade física mas também na saúde mental das vítimas. A violência doméstica apresenta-se como um problema complexo, com causas variadas, sendo as formas mais habituais: o mau trato infantil, a violência conjugal e o mau trato de idosos e deficientes. A violência doméstica não escolhe género, nem idades, nem estratos sociais.

Qualquer lar pode ser o local de um ou mais episódios de violência. Qualquer família independentemente da sua origem social pode ter no seu seio pessoas que são violentadas física e/ou psiquicamente, mas são as pessoas oriundas de famílias mais desfavorecidas que surgem nos estudos como sendo aqueles onde a violência doméstica predomina (MRDGS, 2003:15). Todo e qualquer acto de violência doméstica não tem

apenas consequências nefastas nas vítimas, pois, o próprio agressor é muitas vezes vítima das suas próprias acções. Da mesma maneira, os filhos que assistem aos actos e por vezes interferem em defesa da Mãe, sofrem quer física quer psicologicamente, tendo repercussões na sua vida futura.

Ainda de acordo com o Manual já referido (Idem: 14), é difícil obter números reais relativamente aos casos de violência doméstica e caracterização das suas vítimas.

Algumas vezes porque as próprias vítimas escondem os dados reais, por vergonha. Hoje em dia, a violência doméstica é considerada um crime público, ( Lei 7/2000), bastando uma denúncia, e esta denúncia não está dependente da vítima, basta que alguém denuncie para que o Ministério Público promova o processo. O artigo 153 (Lei n.º 59/2007 de 04 de Setembro) refere que as penas podem ir de 1 a 5 anos nos casos mais simples, de 2 a 8 anos se a ofensa à integridade física é grave ou de 3 a 10 anos se há morte da vítima. Para além disso, podem ser aplicadas penas acessórias como a proibição de contacto, proibição de uso e porte de armas e obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

Deste modo, sendo um crime de natureza público, qualquer pessoa pode apresentar uma denúncia quando tem conhecimento da ocorrência deste crime. As denúncias/queixas podem ser apresentadas na GNR, PSP, PJ e ainda aos serviços do Ministério Público do Tribunal da Comarca da área de residência.

Na Constituição da República Portuguesa, encontra-se instituído no Artigo 9º, alínea b), como uma das tarefas fundamentais do Estado, a de garantir os direitos e liberdades fundamentais e o respeito pelos princípios do Estado de direito democrático”, assim como na alínea h), a de “promover a igualdade entre homens e mulheres”. O princípio da Igualdade (artigo 13º), e o direito à integridade pessoal (artigo 26º), entre outras disposições constitucionais, reforçam esta tutela, que, apesar de constitucionalmente protegida, é sistematicamente violada.

A nível internacional, têm sido adoptadas várias orientações (normativas e outras), e programas de acção, referentes à violência doméstica. No âmbito das Nações Unidas, a Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Mulheres, adoptada pela Assembleia-geral em 1979, deu um grande passo ao proibir todas as formas de discriminação contra as mulheres, nelas se incluindo a violência. Na mesma linha vai a Resolução nº 48/104, de 20 de Dezembro de 1993, contendo a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres. Igualmente determinantes foram a 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres, Pequim, 1995 e ainda a Sessão Extraordinária da Assembleia-geral das Nações Unidas “Mulher 2000: Igualdade entre Sexos,

Desenvolvimento e Paz no Século XXI”. Merece, também, relevo particular a Resolução da Comissão dos Direitos Humanos, 2002/52, sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres.

No que se refere à perspectiva jurídica na violência doméstica, esta apesar de ser um problema antigo; só a partir da década de 90, passou a ser alvo de legislação específica em Portugal (Dias, 2004). No entanto a Constituição da República Portuguesa, já protegia as vítimas de violência no geral, e a igualdade entre homens e mulheres, nos artigos:

- 13.º (princípio da igualdade): “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. “Nenhum cidadão pode ser “privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever” por ser homem ou mulher.

- 20.º (Acesso ao direito e tutela jurisdicional efectiva): garante a todos o acesso ao direito e aos tribunais para a defesa dos direitos.

- 25.º (Direito à integridade pessoal): “A integridade moral e física das pessoas é inviolável”, “Ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanos.”

- 27.º (Direito à Liberdade e à Segurança): “Todos têm direito à liberdade e à segurança (...) Ninguém pode ser total ou parcialmente privado da liberdade”.

- 36.º (Família, casamento e filiação): garante a todos o direito de constituição de família, a igualdade no casamento, a não discriminação dos filhos nascidos fora do casamento e o direito dos pais à educação e manutenção dos filhos.

O Código Penal de 2007, Lei 59/2007, de 4 de Setembro; artigo 152.º (violência doméstica), define a violência doméstica: “Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais:

a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;

b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;

c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou

d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite; é punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.” A pena é agravada no caso de a agressão ser praticada contra menor ou na presença de menor; é punido com pena de 2 a 5 anos.

Se dos pontos previstos no número 1 do artigo, resultar ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos; caso resulte a morte da vítima o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos.

Segundo este artigo, podem ainda ser aplicadas ao arguido penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de arma. A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

Quem for condenado por crime previsto neste mesmo artigo pode, ser inibido do exercício do poder paternal, por um período de um a dez anos.

Segundo o disposto neste artigo, a violência que, anteriormente, era um crime semi-público, passa a crime público. Sendo que, o crime público é aquele que, devido à sua gravidade não está dependente de queixa por parte de vítima, bastando uma denuncia ou o conhecimento do crime para que o Ministério Público instaure o procedimento criminal.

O procedimento criminal inicia-se com a notícia do crime numa Esquadra da PSP, Posto da GNR, Polícia Judiciária, ou directamente no Ministério Público.

O regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica, à protecção e à assistência das suas vítimas, é a lei n.º 112/2009 de 16 de Setembro, que revoga a Lei n.º 107/99, de 3 de Agosto, e o Decreto lei n.º 323/2000, de 19 de Dezembro. Em que as suas finalidades, presentes no artigo 3.º do mesmo, passam por, desenvolver políticas de sensibilização, consagrar os direitos das vítimas, criar medidas de protecção das vítimas, consagrar uma resposta integrada dos serviços sociais de apoio à vítima, entre outras. Esta mesma lei, proclama os princípios a seguir no apoio à vítima, sendo eles, entre outros, o direito à igualdade, ao respeito e ao reconhecimento, da autonomia, confidencialidade, consentimento, informação.

Segundo, o artigo 14.º da mesma lei, o estatuto de vítima é atribuído após ser apresentada a denúncia da prática do crime, em que lhe é entregue o documento comprovativo deste mesmo estatuto, com os direitos e deveres expostos nesta mesma lei.

Para completar a nossa pesquisa é importante referir as respostas sociais existentes no nosso país que vão completar o percurso da vítima e ajudar a sua reintegração na sociedade.

### 2.3 - Recursos em Portugal referentes a Violência Doméstica

O fenómeno da violência doméstica requer uma abordagem interdisciplinar efectiva, mobilizando diversos sectores sociais como as forças policiais, os da saúde, o jurídico, o da segurança social, o político, para um efectivo combate aos casos existentes que deverão merecer a atenção necessária desde a sua rápida detecção até à resolução do problema, mas também ao nível da prevenção, envolvendo a educação precoce para a cidadania, e para uma sociedade de não-violência doméstica.

O desenvolvimento de estratégias interministeriais para enfrentar o fenómeno, resultou em projectos com envolvimento de diversas áreas como a da segurança, do poder local (câmaras e autarquias), justiça, segurança social, saúde e ONG a trabalhar em parceria e organizadas em rede. Salientamos alguns, recentemente criados ou reformulados e específicos para a violência doméstica, sustentando esta informação no “*Guia de recursos na área da violência doméstica*”, publicado pela Estrutura de Missão Contra a Violência Doméstica (2006).

Ao nível da segurança, para um efectivo atendimento às vítimas, em gabinetes vocacionados, com profissionais treinados e registo adequado e uniformizado dos casos, a Polícia de Segurança Pública (PSP) desenvolve um projecto específico na prevenção e combate da violência doméstica através das equipas de proximidade e apoio às vítimas (EPAV) e com salas de atendimento às mesmas. Na Guarda Nacional Republicana (GNR) foi criado em 2002, o Núcleo Mulher e Menor (NMUME) em todas as sedes de distrito. A par das medidas políticas e legislativas é indispensável a formação de todos os profissionais que no exercício das suas funções possam estar em contacto com vítimas de violência doméstica. No entanto Silva (1995) refere que muitas vezes o pedido de ajuda policial e a demora na resolução das suas situações em tribunal provocam desilusão na expectativa da mulher. Estas atitudes por parte de profissionais directamente responsáveis pela intervenção conferem um acréscimo de dificuldade à mulher, à qual é sugerido o perdão e/ou a não apresentação de queixa. Também Gelles & Straus (1988) salientam o mesmo aspecto e acrescentam que este tipo de acção é favorecedora da reincidência do agressor, que assim se apercebe da não condenação do próprio comportamento mas também da inexistência de protecção à vítima.

Segundo a APAV (2003), as detenções em Portugal são 1,2% das denúncias. Instituições estatais e ONG oferecem informação e apoio através de linhas telefónicas como por exemplo os números de emergência: Nacional (112) e Social (144), a linha azul SOS mulher (808 200 175), a linha única da APAV (707 200 077) que dispõe de vários

gabinetes espalhados pelo país, a linha verde disponibilizada pela MCVD (800 202 148) que funciona ininterruptamente. Alguns sites na Internet como por exemplo o da AMCV, disponibilizam também apoio e informação.

Com a disponibilização destes recursos, proporcionam uma forma acessível e rápida às mulheres que pretendam ajuda e informação explícita e correcta no âmbito da violência doméstica. O anonimato é assegurado. Outras estruturas especializadas (núcleos, centros, gabinetes) são oferecidas pela rede nacional de atendimento para vítimas de violência doméstica, com diversas as estruturas espalhadas pelo país e que fazem atendimento, tratamento e encaminhamento das vítimas.

Outro recurso que as mulheres podem utilizar é o oferecido pelas 34 casas-abrigo existentes actualmente no país, onde podem ser acolhidas temporariamente com os filhos e usufruir de apoio especializado a nível social, psicológico e jurídico com vista à reintegração social (EMCVD, 2006). Viana do Castelo dispõe já dos serviços específicos no âmbito da violência doméstica oferecidos pela PSP e GNR e dispõe do Gabinete de Atendimento à Família (GAF) .

Muito já se tem feito nos últimos anos, no entanto, a violência doméstica pauta-se por uma questão de educação, e sendo a escola um espaço privilegiado, onde as crianças e jovens aprendem a viver em comunidade, é importante prevenir a violência doméstica logo cedo, começando pelas escolas. Poderá ser ainda uma falta, daí o projecto passo a passo, centrar-se essencialmente pela questão da prevenção da violência doméstica nas escolas, pois como atrás vimos, ainda há um longo caminho a percorrer no que se refere à prevenção.

### **CAPÍTULO III – VIOLÊNCIA NO NAMORO**

A violência em contextos de namoro tem sido reconhecida nas duas últimas décadas como um problema social preocupante. A literatura descreve, em geral, a violência no namoro ou entre casais jovens como um fenómeno que envolve as mesmas dinâmicas da violência doméstica e que partilha alguns dos seus factores de risco como, a presença de violência na família de origem, o isolamento social, o funcionamento familiar disfuncional.

Pode traduzir-se, igualmente, num impacto significativo nomeadamente ao nível do bem-estar psicológico da vítima. Callahan (2003) alerta-nos para as disfunções do comportamento alimentar, perturbações emocionais, comportamentos sexuais de risco, abuso de substâncias.

Assim, fazendo um contexto histórico, após um momento inicial, onde se valorizou sobretudo a violência doméstica no seio familiar, na década de 80, houve um ponto de viragem no estudo da problemática da violência nas relações juvenis, ou melhor, na violência no namoro (Lewiw e Fremouw 2001).

A partir da década de 1990 começou a surgir na literatura as primeiras referências a programas de prevenção contra a violência nas relações amorosas em casais juvenis. Na sua maioria o intuito era mostrar aos jovens a gravidade da violência e educá-los acerca de comportamentos não-violentos na intimidade.

Segundo Caridade (2008), a nível nacional recorrendo a uma amostra de 4667 jovens dos 13 aos 29 anos, constatou-se que 25,4 % jovens já tinham sido vitimizados, 30,7%, admitiram ter cometido actos abusivos sobre a parceira/o.

Tende-se a demonstrar que os jovens condenam a violência em contextos de intimidade, no entanto muitas vezes acontecem situações discrepantes, tais como a banalização da violência emocional e de formas de violência sexual entendidas como menos graves, a desculpabilização do comportamento agressivo, pelo facto de não haver intenção, o arrependimento manifestado e a ausência de violência física, leva muitas vezes a que a vítima se culpabilize (Caridade, 2008).

A escolha do parceiro, namorado/a é uma das mais importantes decisões que se faz ao longo da vida. Ainda que haja grande fragilidade na satisfação dos relacionamentos amorosos contemporâneos, pode-se constatar que cada pessoa passará pelo processo de escolha de parceiros somente umas poucas vezes na vida.

Muitas vezes nesse processo a escolha realizada nem sempre é a mais acertada, tratando-se de relacionamentos amorosos, é necessário estar atento para não estabelecer um relacionamento com uma pessoa que se revela violenta durante o processo do namoro.

Antigamente a violência nas relações íntimas era um fenómeno que estava associado ao casamento, ao casal, hoje em dia este fenómeno cada vez se demonstra mais cedo nas relações de namoro.

Por outras palavras não é um fenómeno que se manifesta somente entre adultos, ou ainda, por determinadas etnias, classes socioeconómicas, e, nem desaparece com a mudança de geração. As novas gerações provam o contrário e começam a agredir-se mutuamente já na adolescência nos seus primeiros relacionamentos afectivos.

Assim sendo podemos denominar violência conjugal a violência entre marido e mulher, namorados ou ex-parceiros.

Poder-se pensar que devido à imaturidade e à falta de experiência, em consonância com os esforços de se querer integrar no mundo adulto, o adolescente recorra a mecanismos de violência no namoro para demonstrar o seu amadurecimento.

A violência no namoro, e especialmente para nas relações juvenis é um problema social que merece cada vez mais atenção. Callahan (2003).

E se a violência se vai manifestando ao longo de cada dia, nos relacionamentos amorosos, às vezes sem que se perceba, estas relações podem causar inúmeros prejuízos se não houver uma intervenção adequada. Zillman (1994) aponta que a violência pode ser impulsionada pelo mecanismo de frustração de expectativas e por necessidades que por algum motivo não foram concretizadas.

Contudo, o principal objectivo é maltratar para infringir sofrimento. De acordo com Barberá (2004: 215) *“trata-se de uma vinculação marcada por um jogo relacional que obedece a uma necessidade de poder e competência”*. Nesse sentido, em qualquer um dos pólos do eixo domínio-submissão, desenvolvem-se atitudes características que oprimem e estimulam o estabelecimento de uma culpa corrosiva naqueles que são vitimizados pelos diversos comportamentos violentos.

Giddens (1993), na sua obra *“A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”*, argumenta que a vivência do que ele denominou de relacionamento puro só se tornou possível pelas transformações ocorridas na intimidade.

Essas mudanças da intimidade propiciam um mundo que caminha para a igualdade sexual, modificando, assim, pontos de vista e comportamentos em relação ao outro.

Se queremos desconstruir a violência, é necessário empoderar os jovens a usar a palavra, divulgar os seus pensamentos, desejos e estratégias, de forma a abalar os alicerces que constituem as bases emocionais, organizacionais e de poder social da violência, daí ser de extrema e máxima importância a prevenção.

No decurso do desenvolvimento humano, a qualidade da relação vivida com quem está mais próximo, durante os primeiros anos de vida marca as raízes do relacionamento conosco próprios. É o que interiormente apreendemos e vivemos que vamos depois transferir para o exterior, quer seja na família, na escola ou na sociedade em geral.

Actualmente, sabemos muito bem que as insuficiências iniciais conduzem a estados de vulnerabilidade e fragilidade estruturais e futuras, com vivências traumáticas de perda, fragmentação, separação, desestruturação, despersonalização, não existência e desvalorização crónica Strecht (1999).

Para aprofundar as causas e a origem desses comportamentos, que na maior parte das vezes levam os adolescentes a revelarem comportamentos de marginalidade, delinquência e principalmente violência no namoro, iniciou-se uma investigação de modo ouvir da voz dos próprios os seus argumentos.

Após diagnóstico das necessidades realizado no decorrer da investigação, houve um período de reflexão e tratamento de dados, que mostrou a urgência da elaboração de um projecto de prevenção primária em que o foco se centra na problemática da violência doméstica e do namoro.

A investigação realizada será aprofundada no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO IV – FUNDAMENTAÇÃO EMPIRICA DO PROJECTO**

### **“PASSO A PASSO”**

A violência doméstica tem acompanhado a existência humana ao longo dos tempos. Na actualidade representa um fenómeno sem fronteiras culturais, sociais, religiosas ou económicas. Ao longo das gerações, papéis de género, comportamentos e funções sociais veiculados através da cultura e relações sociais revelam-se de lenta mudança, como por exemplo, a violência no namoro.

Durante várias décadas, o problema da violência doméstica foi considerado assunto familiar, privado e legitimado por valores de uma cultura patriarcal e sustentado pelos discursos de género e de conjugalidade socialmente dominantes (Matos, 2002). As relações sociais e familiares entre homens e mulheres têm caminhado no sentido da igualdade, o papel da mulher na vida social em geral tem vindo a ser mais activo e interventivo, mas a violência doméstica continua a atingir números cada vez mais alarmantes. As opções políticas, os recursos jurídicos, o apoio proporcionado pelas ONG, a visibilidade conferida ao fenómeno e as campanhas de sensibilização têm sido importantes marcos de viragem, que abriram um caminho ainda longo, mas com potencial de ser percorrido com ganhos para toda a sociedade.

Neste contexto e como forma de realizar um diagnóstico que proporcionasse uma melhor compreensão de como é apropriada pelos jovens a violência doméstica através da sua auscultação para formas relacionais que lhe estão mais próximas como é o caso do namoro, optámos por averiguar, numa primeira fase, a representação que estes jovens possuem da violência no namoro, para numa segunda fase (também ela de diagnóstico) caracterizar o contexto geográfico, económico e cultural do concelho de Ourém uma vez que foi uma problemática diagnosticada no pré diagnóstico.

No primeiro momento que se traduziu no trabalho realizado nas escolas optou-se, metodologicamente, pela aplicação de um inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados e a utilização da observação directa aos alunos realizada através de uma acção de sensibilização com visualização de pequenos excertos de filmes e posterior recolha e análise das leituras realizadas pelos alunos das escolas onde o mesmo foi aplicado. Esta estratégia metodológica inscreve-se numa dimensão quantitativa e qualitativa.

Desta forma o projecto de intervenção social “*passo a passo*”, teve como primeiro propósito uma auscultação sobre os comportamentos de violência doméstica e do namoro nas escolas do concelho de Ourém (campo de investigação e de intervenção) através da

aplicação do inquérito por questionário elaborado com o consentimento e autorização das duas escolas <sup>3</sup> sendo este dividido em quatro partes. A primeira parte foi constituída por questões de resposta directa de averiguação da existência de comportamentos de violência no namoro ou conducentes ao mesmo por parte dos inquiridos.

Numa segunda parte do questionário, os alunos poderiam escolher várias palavras relacionadas com a violência doméstica. No respectivo questionário, optou-se por colocar uma questão de resposta aberta, com o intuito de perceber a opinião de cada aluno em relação a violência doméstica. Na última questão solicitava-se aos alunos a avaliação da acção visualizada no excerto de um pequeno filme. A amostra inclui duas escolas<sup>4</sup> do terceiro Ciclo do concelho de Ourém. A recolha de dados realizou-se durante o mês de Maio de 2011. No total participaram 66 alunos, sendo que apenas 48 questionários foram autorizados.

#### 4.1 - Questões de Investigação

Quivy & Campenhaut (1998) consideram que uma boa pergunta de partida deve ser precisa, unívoca, concisa e por fim realista. Seguindo este pensamento a pergunta de partida que orientou a presente investigação fundamentadora do projecto de intervenção foi a seguinte: *Qual a percepção que os jovens possuem sobre a violência doméstica e a violência no namoro?* As questões decorrentes desta questão inicial perdem-se com o trabalho de investigação de fundamentação do projecto e análise do comportamento dos jovens só percepcionando após a intervenção empírica do projecto nas escolas.

- Permanece alguma discrepância entre as representações sociais que os jovens possuem e a definição de violência no namoro?
- Como é que os jovens vão reagir perante situações de violência no namoro referenciadas na acção de sensibilização?
- Irão os jovens identificar no final da acção situações de violência no namoro que poderão já ter vivenciado?
- Os jovens Identificam a violência no namoro como um crime público?
- Os jovens conseguem identificar os meios que têm ao seu alcance para ajudar as vítimas de violência namoro?

---

<sup>3</sup> Ver anexo documento 1

<sup>4</sup> É de referir que foram auscultadas todas as escolas do concelho, no entanto só aderiram as duas escolas pelo que se considera uma amostra por acessibilidade e com características paramétricas..

Na senda das questões de investigação o objectivo geral do estudo empírico é o seguinte: Analisar a percepção geral dos alunos sobre violência doméstica como um problema social sensibilizando a comunidade escolar para a prevenção da mesma. O objectivo geral pode dividir-se nos seguintes objectivos específicos:

1. Promover uma acção de sensibilização auxiliada por meios audiovisuais em cada uma das turmas do 7º ano das duas escolas do 3º ciclo no concelho Ourém.
2. Criar após cada acção de sensibilização um debate com os alunos de modo a esclarecer o conceito de violência doméstica/namoro.
3. Capacitar os alunos para que sejam eficazes no combate à violência doméstica e no namoro.
4. Consciencializar os alunos para a importância de reconhecer e denunciar situações diárias de violência doméstica /namoro.
5. Estimular o diálogo entre os jovens sobre questões de violência no namoro, fazendo nascer plataformas e momentos de discussão que contribuam para prevenir futuras relações de disfuncionais.

Para alcançar estes objectivos procederam-se algumas diligências que serão demonstradas seguidamente.

#### **4.2 - Procedimentos**

Num primeiro momento foram seleccionadas as escolas do terceiro ciclo do concelho de Ourém. Seguidamente foram elaboradas e enviadas cartas às mesmas solicitando uma intervenção de sensibilização na área da violência do namoro, ao nível do sétimo ano. Como só responderam duas escolas, a amostra para o nosso estudo recaiu sobre as mesmas, num total de sessenta e seis alunos, sendo que amostra real foi de quarenta e oito alunos, pois catorze pais da escola A, não deram autorização para os seus educandos preencherem os inquéritos. Assim sendo, a nossa amostra foi de vinte e dois alunos da escola A, e vinte e seis alunos da escola B, sendo uma amostra não paramétrica e não representativa do universo do concelho de Ourém caracterizando o desenho qualitativo desta auscultação.

Depois do envio das cartas, foi importante deslocarmo-nos às escolas, onde os directores de turma deram algumas informações sobre as mesmas, a faixa etária, o meio onde estavam inseridos, possíveis casos ou não de violência. No final da conversa, obtivemos a percepção da dinâmica de cada turma e, em conjunto, elaborou-se o guião

para o inquérito por questionário<sup>5</sup>. Após a autorização dos directores de turma e do concelho pedagógico, marcou-se o dia da acção de sensibilização nas escolas.

Consistindo o campo de investigação na intervenção em duas escolas do terceiro ciclo do concelho de Ourém, foi importante perceber a caracterização sócio - demográfica, bem como a caracterização de cada turma onde se iria intervir.

A população - alvo não é muito díspar entre a escola A e a escola B. São todos alunos do 7º Ano com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos, estando os alunos numa fase de pré-adolescência, ou mesmo adolescência.

A Escola A, situa-se numa das freguesias mais a norte do concelho, meio rural, A escola B, situa-se numa área mais central do concelho de Ourém, sendo notória uma maior abertura em relação à escola A, com características mais rurais do que a escola B.

Os procedimentos de recolha de dados assentaram numa acção de sensibilização/formação com jovens do terceiro ciclo ao nível da violência doméstica e violência no namoro, podendo assim servir com futura estratégia de prevenção em comportamentos de riscos associados a esta problemática.

Para auxiliar a intervenção houve a criação de um PowerPoint<sup>6</sup> e foram visionados alguns vídeos referentes à violência no namoro, e por fim um questionário por inquérito aos alunos.

### **4.3 - Apresentação e discussão dos resultados**

Após a recolha de informação, a análise dos dados apoiou-se na metodologia proposta por Bardin (1977:42), que sugere:

- *A pré – análise*, correspondente a sucessivas leituras, chamada leitura “flutuante”, permitindo dar o primeiro passo para analisar e sistematizar as ideias iniciais que estruturam o plano de análise dos dados e nos orienta para as diversas áreas.

- *A exploração do material*, correspondente ao processo de codificação dos dados, à escolha das unidades de registo. Neste passo optou-se por criar uma tabela com os dados obtidos através dos questionários.

- Por último, o tratamento e *interpretação dos resultados* obtidos de forma significativa e válida, procura a adequação entre as informações contidas nos discursos e os objectivos de estudo.

Pretende-se através da interpretação dos dados perceber qual a imagem que os alunos possuem da violência. Para uma melhor interpretação dos dados foi elaborada uma

---

<sup>5</sup> Vide em anexo guião de entrevista documento 2

<sup>6</sup> Vide anexo documento 3.

tabela<sup>7</sup> de análise que teve em conta o quadro conceptual e analítico, fazendo o seu cruzamento e conseqüente leituras obtidos na tabela 1.

---

<sup>7</sup> *Vide* página seguinte.

**Tabela 1 – Recolha de dados referentes aos questionários**

Pergunta	Escola A		Escola B		Total	
Identificaste com alguma situação do vídeo em acabaste de ver?	Sim	2	Sim	1	Sim	3
	Não	20	Não	25	Não	45
	Não Respondeu	0	Não Respondeu	0	Não Respondeu	0
O teu namorado/a exige ler as tuas mensagens escritas?	Sim	0	Sim		Sim	0
	Não	19	Não	26	Não	45
	Não Respondeu	3	Não Respondeu	0	Não Respondeu	3
O teu namorado/a fica chateado/a se estiveres com os teus amigos/as sem ele estar presente?	Sim	0	Sim	0	Sim	0
	Não	18	Não	26	Não	44
	Não Respondeu	4	Não Respondeu	0	Não Respondeu	4
Por exigência do teu namorado/a perdeste amigos/as?	Sim	0	Sim	1	Sim	1
	Não	19	Não	25	Não	44
	Não Respondeu	3	Não Respondeu		Não Respondeu	3
O teu namorado/a exige que o ajudes nos testes?	Sim	0	Sim	1	Sim	1
	Não	19	Não	25	Não	44
	Não Respondeu	3	Não Respondeu	0	Não Respondeu	3

Coloca um círculo nas palavras que aches que estão relacionadas com a Violência

Respeito	1	0	1
Manipulação	18	26	44
Estalada	19	26	45
Empurrão	20	26	46
Ciúmes	16	26	42
Carinho	0	0	0

Bofetada	19	26	45			
Afecto	0	0	0			
Puxar o Cabelo	20	26	46			
Empurrar	18	26	44			
Amor	1	0	1			
Insulto	17	26	43			
Gritar	19	25	44			
Mimos	0	0	0			
Ofender	16	26	42			
Criticar	17	26	43			
Ajudar nos testes	11	13	24			
Ternura	1	0	1			
Julgar	20	22	42			
Criticar	1	0	1			
De 1 a 4 como classificas esta acção, sendo o 1 insuficiente, 2 suficiente, 3 bom e o 4 muito bom	Insuficiente	1	Insuficiente	0	Insuficiente	1
	Suficiente	2	Suficiente	0	Suficiente	2
	Bom	6	Bom	6	Bom	12
	Muito Bom	13	Muito Bom	20	Muito Bom	33

Perante a investigação realizada, podemos apurar que essas questões são viseis nos alunos, sendo necessário intervir rapidamente, principalmente no que diz respeito a este estudo, a violência namoro. A maior percentagem avalia a violência no namoro numa representação social da violência física, de género.

A percepção dos alunos relativamente a violência física e psicológica é diferente notando-se a existência de um maior conhecimento sobre o que é a violência física e menor em relação ao conceito de violência psicológica/emocional.

Mediante a tabela apresentada, podemos constatar, que os resultados obtidos entre a escola A e B, foram muito semelhantes, não houve muita discrepância.

Quando confrontados com a primeira questão, **Identificaste-te com alguma situação do vídeo em acabaste de ver?**

Os alunos responderam na sua maioria de forma negativa, numa amostra de 48, apenas 3 dos alunos se identificaram com esta questão.

Em relação à segunda questão, **O teu namorado/a exige ler as tuas mensagens escritas?**

Não obtivemos qualquer resposta positiva, os alunos demonstraram que o namorado/a não lêem as mensagens escritas, no entanto, 3 alunos da escola A não responderam a esta questão, levando-nos a pensar que por detrás desta abstenção pudessem existir situações dúbias. Após sinalizados estes jovens ao longo das acções de sensibilização fomos tendo em conta esses mesmos alunos de modo a perceber através da observação directa alguns sinais que sustentassem a nossa dúvida. Contudo se existem de facto essas vivências não foi possível constatá-las.

O mesmo se verificou com a seguinte interrogação, **O teu namorado/a fica chateado/a se estiveres com os teus amigos/as sem ele estar presente?**

Dos 48 alunos inqueridos apenas 4 da escola A, não responderam à questão, o que quer dizer que todos os outros valorizam a interacção do grupo a que pertencem, mas mais uma vez existiu uma preocupação relativamente aos 4 que se abstiveram.

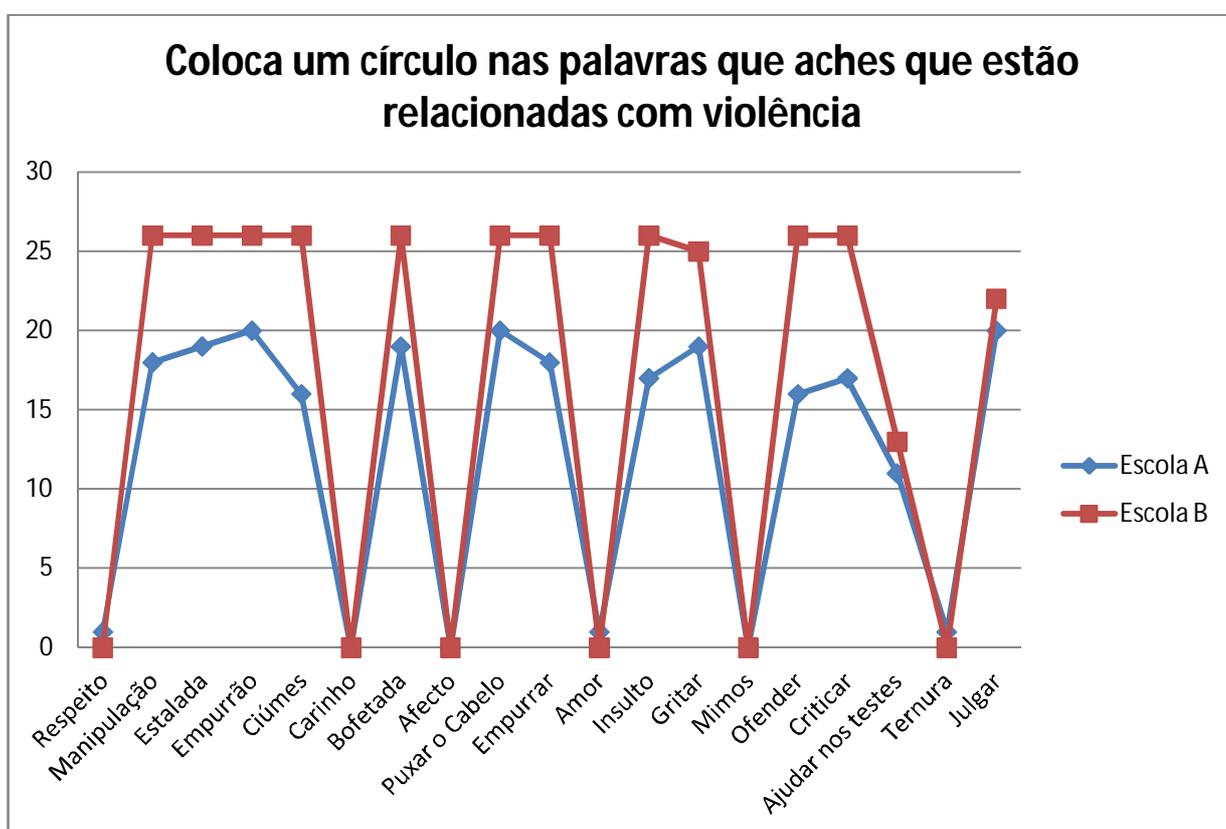
No que respeita à questão se **Por exigência do teu namorado/a perdeste amigos/as?**

Os dados recolhidos foram semelhantes aos anteriores, 3 alunos da escola A não responderam e 1 aluno da escola B respondeu que sim, consoante fomos avançado na análise dos inqueritos as nossas dúvidas relativamente aos jovens que não respondem

foram sendo validadas, pensa-se que tal se deve a factores relativos a experiências pessoais.

Interrogados sobre, **Se o/a namorado/a exige que o/a ajude nos testes?** Voltámos a observar o mesmo padrão das questões anteriores, 3 alunos da escola A não responderam e 1 aluno da escola B respondeu afirmativamente. O que se tornou numa dúvida desta auscultação, uma vez que no decorrer do tratamento dos inquéritos fomos ficando alerta em relação as questões que os alunos não responderam, e foi-se confirmando que as dúvidas iam sendo validadas ao longo da análise dos inquéritos.

Gráfico 1 – Total das respostas dos alunos da escola A e B, na seguinte questão: “ Coloca um círculo nas palavras que aches que estão relacionadas com a violência



Relativamente ao gráfico apresentado permite-nos identificar que grande parte dos alunos tem noção do que são indicadores de violência.

Foi-se verificando ao longo desta investigação que os alunos entendem a violência como um acto físico e dificilmente tem percepção do sofrimento que é vivido pelas vítimas de violências psicológicas; isto é a falta de informação sobre o tema de violência psicológica/emocional é latente nestes alunos.

Porém observa-se a pertinência em dar continuidade a estas acções para desmistificar algumas dúvidas, principalmente perante os jovens que se abstiveram em algumas das perguntas anteriores.

Tal não aconteceu quando responderam ao inquérito, se para uns esta é uma problemática actual e que está relacionada com o seu contexto familiar ou em relações de vizinhança, para outros esta é uma situação que apenas se transforma realidade por notícias ou transmissão de conhecimentos que se materializam com as acções de sensibilização, realizadas com carácter preventivo e pedagógico.

Não podendo desvalorizar a existência de um processo de negação contínuo por parte de alguns alunos que no decorrer da acção se mostraram curiosos sobre este tema. As conversas com os directores de turma serviram para desmistificar algumas dúvidas e obter conhecimento sobre a realidade e o contexto social destes alunos.

Perante este dados, falta referir uma outra questão de resposta aberta, depois desta apresentação, **O que achas que podemos fazer para combater a Violência no Namoro e a Violência Doméstica?** Os alunos sentiram-se à vontade para referir a opinião deles, e deu para perceber se a mensagem da acção de sensibilização tinha sido absorvida pelos alunos ou não.

Podemos referir que os alunos da escola A responderam à questão “muito a medo”, não se sentiram muito confortáveis, talvez porque escola A se encontrar num espaço mais rural, onde o assunto da violência doméstica ainda é um assunto tabu, onde todos se conhecem muito bem, havendo uma coesão das redes de suporte primárias.

De salientar que é uma das freguesias onde há mais violência doméstica no concelho de Ourém. Seguem alguns exemplos das respostas dos alunos:

*“Amar e respeitar a nossa cara-metade”; “acabar com a relação porque pode vir a ser mais grave e levar à morte”; “denunciar a violência”, “ tentar falar com a pessoa que fez isso”; “ Não beber”;“ Acabar as relações, mudar o número de telefone e o e-mail, mudar a fechadura, se sair de casa, andar acompanhado e tentar não se aproximar do agressor”; “ devemos respeitar as ideias dos dois e ser carinhosos, e assim já não há momentos maus”; “respeitar os outros e amar verdadeiramente o outro” .*

No entanto alguns alunos não quiseram responder a esta questão e outros não sabiam o que responder.

Na escola B, os alunos foram mais participativos e mais abertos, não tinham problema em falar de situações que conheciam, notou-se uma grande diferença de atitude e no discurso em relação à escola A, seguem alguns exemplos de respostas à mesma questão:

*“Dizer que é melhor acabar a relação e se o agressor não deixar em paz, devemos mudar de número de telefone, e-mail, informar alguém da nossa máxima confiança e tentar não socializar novamente com a pessoa”; “Devemos falar com pessoas mais próximas, pedir ajuda, fazer mais workshops e programas de sensibilização para este tipo de violência para adolescentes e também para crianças para estas terem a noção da violência doméstica”; “podemos denunciar, ajudar e fazer compreender o agressor que a violência não vale a pena, tentar fazer com que haja conversas em que se chegue algum entendimento e também afastar o agressor da vítima”; “Podíamos evitar a violência colocando mais linhas de apoio, obrigar as pessoas a denunciar o que se passa, não guardar medo dentro de si”; “ Acho que devemos ter cuidado, denunciar em casos mais graves de violência a pessoa agressora às vezes é forte”.*

Reconhece-se através da resposta dos alunos que se sentiram muito mais receptivos em relação à problemática da violência doméstica. Notou-se um certo conhecimento do tema, e a vontade em falar, sem preconceito, foram mais participativos e interrogativos, questionavam sempre que tinham dúvidas.

Para completar o questionário por inquirido, no final foi elaborada uma questão onde os alunos classificavam a acção de sensibilização, com o intuito de perceber se realmente é pertinente, ou não, estas acções no futuro. Como podemos averiguar a maioria das respostas foi entre o Muito Bom com 33 respostas e Bom, com 12 respostas, seguiu-se com o suficiente com 2 respostas e o insuficiente 1 resposta.

Perante estas respostas podemos aferir que o projecto “*passo a passo*” será uma mais valia no futuro dos alunos. O senso comum mostra-nos que a relação entre aluno e escola apresenta múltiplas fases ao longo do caminho do indivíduo.

Nos primeiros anos, nomeadamente creche e infantário, ou mesmo ensino básico, as crianças ficam ansiosas por ir para a escola, as relações afectivas são intensificadas e todos os conceitos são apreendidos de forma agradável e lúdica.

Se os alunos são provenientes de famílias organizadas com razoável cultura e escolaridade, conseguem aprender e serem alunos com aproveitamento. Contrariamente, se provêm de uma base familiar desagregada, com inúmeros problemas, podem apresentar problemas de insucesso escolar, e problemas de comportamento.

A escola assume-se como um espaço onde se vive, onde se aprende, onde se constrói e se prepara para o futuro, e no futuro pretendemos relações de não – violência.

Assistimos no entanto a um aumento das situações de sofrimento que traduzem nas falhas dos adultos e da sociedade em ajudar a crescer saudavelmente os seus jovens.

Estes factos que são resultado da incapacidade de sustentar relacionamentos tranquilos e saudáveis quer no contexto familiar, quer no contexto escolar, se por um lado a evolução dos tempos nos trouxe maior liberdade de expressão, também é verdade que com o stress do dia a dia nos dividiu o triângulo fundamental de qualquer relação, o dialogo o respeito e confiança.

Logo a conjuntura actual e evidente na investigação feita nas escolas atrás referidas leva-nos a desenvolver com emergência o projecto de intervenção social “*passo a passo*” que será apresentado no capítulo seguinte.

## CAPITULO V – PROJECTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL “PASSO A PASSO”

### 5.1 - Apresentação do Projecto

O projecto de intervenção social “*passo a passo*”, justifica-se devido à persistência de situações de violência doméstica, e pela inexistência de uma estrutura local que possa apoiar e intervir com a maior brevidade todas as pessoas vítimas deste problema. O conhecimento cada vez mais rigoroso do concelho, tem permitido ao longo dos anos diferenciar cada vez mais a intervenção técnica ajustando-a às necessidades identificadas.

Ourém, constitui um eixo de alto risco, pois a violência doméstica é um fenómeno social e transversal a todas as camadas da sociedade, o projecto “*passo a passo*”, irá intervir junto da população adolescente através de um trabalho em parceria entre as sete escolas do concelho e a entidade promotora do projecto.

O projecto “*passo a passo*” reúne características de Inovação e de Empreendedorismo Social, sinónimo de produzir, assimilar, renovar ou recriar novos métodos de intervenção social, portadores de boas práticas capazes de gerar mudança na sociedade civil e explorar de forma inovadora uma questão delicada como a violência doméstica.

O Empreendedor social aponta a maximização do capital social (relações de confiança e respeito) existente para realizar mais iniciativas, programas e acções que permitam que uma comunidade, cidade ou região se desenvolvam de maneira sustentável. Faz esses avanços disseminando tecnologias produtivas, aumentando a articulação de grupos produtivos e estimulando a participação da população na esfera política, ampliando o espaço público dos cidadãos em situação de exclusão e risco. Empreendedores vêem possibilidades e não problemas para provocar mudanças na sociedade e não se limitam aos recursos que têm num momento

Empreendedores sociais têm características semelhantes aos empreendedores de negócios, mas possuem uma missão social onde o objectivo final não é a geração de lucro, mas o impacto social, são os agentes de transformação no sector social, os empreendedores são inovadores por natureza.

“*A inovação é a criação de coisas novas ou o rearranjar de coisas antigas de uma nova forma*”. Seguindo a linha de pensamento de Michael Vince, citado por Sarkar (2009), a inovação não é só criar algo novo, pode ser a reestruturação de um pensamento, de uma ideia, e transformá-la em algo inovador, e saber reconhecer na crise uma oportunidade, é quebrar com as rotinas do passado e conseguir ter uma visão de futuro estratégica. Joseph

Schumpeter ,economista, diz-nos que a inovação caracteriza-se pela abertura de um novo mercado.

A mudança social, nem sempre é fácil, no entanto esta dá-se quando se alteram as estruturas básicas que compõem um grupo social ou uma sociedade.

Giddens (1993) refere as duas tentativas gerais mais conhecidas de interpretar a mudança social: o evolucionismo social e o materialismo histórico. Ambas vêem a mudança social derivando principalmente da forma como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente material. Por outro lado, são as pessoas, os grupos, as associações que introduzem a mudança, a apoiam, a favorecem ou se lhe opõem, constituindo-se, deste modo, os agentes da mudança.

Podemos apontar que os líderes e as elites, os movimentos sociais, os grupos de pressão e os grupos de referência e os meios de comunicação social. *"São os actores e os grupos, cuja acção é animada por fins, interesses, valores, ideologias, que têm impacto sobre o devir duma sociedade"* Rocher (1999).

Sendo a mudança social cada vez mais necessária, o projecto *"passo a passo"*, começa pela promoção da importância que a mudança de comportamentos comece no contexto escolar.

A violência doméstica pauta-se por uma questão de educação, assim, um dos pontos fortes de actuação do projecto *"passo a passo"* será as escolas do concelho de Ourém, pautando-se pela prevenção como uma estratégia importante e fundamental no combate a esta problemática.

Tendo a escola a missão de promover a igualdade de oportunidades e educar para os valores da igualdade entre homens e mulheres, contribuindo assim para um desenvolvimento saudável de relações afectivas harmoniosas e equilibradas, o projecto *"passo a passo"*, propõe-se a sensibilizar os jovens do terceiro ciclo das escolas do concelho de Ourém sobre a temática violência doméstica e do namoro.

Mais do que ser reactivos deveremos ser proactivos, a prevenção é fundamental para evitar que comportamentos violentos se transmitam de geração em geração.

A repetição posterior num fenómeno de transgeracionalidade é sempre provável por identificação adesiva (imitação de modelos), por projecção de conflitos, ou por identificação ao agressor, o que estes adolescentes sofreram vai ser revivido ao inverterm as posições a que estiveram sujeitos, controlando e respondendo da mesma forma, numa verdadeira compulsão de repetição.

A violência tem sempre como objectivo a negação ou eliminação de um perigo que ameaça internamente e é dirigido contra o meio exterior. A violência é inicialmente

movida por instinto de auto-conservação, mas patologicamente pode tornar-se na forma preferencial de transmissão de estados emocionais intoleráveis, eliminando assim as respectivas representações afectivas dolorosas.

A prevenção é uma estratégia que no imediato reconhece o conflito explícito ou implícito e dá ênfase ao debate e à reflexão sobre esta problemática na esfera pública, é sem dúvida um importante instrumento de combate às relações violentas.

Neste momento mais do que prevenir através da formação e da informação as acções a desenvolver no decorrer deste projecto servirão para poder identificar alguns focos de tensão já existentes nas famílias destes jovens, utilizando as competências dos técnicos para articular com outras instituições locais ou nacionais que possam dar seguimento às situações identificadas no decorrer da intervenção.

A implementação do projecto “*passo a passo*” tem o objectivo o combate à violência doméstica nas escolas junto de jovens e adolescentes. Fundamenta-se na ideia de que neste período de desenvolvimento cognitivo, emocional e social os adolescentes se tornam capazes de pensar hipoteticamente.

Simultaneamente, constitui um momento propício ao desenvolvimento de competências, de tomada de decisão, que surgem ao nível dos relacionamentos interpessoais. Como diz Moura (2001):

*“Quando quem decide é um adolescente, essa escolha gera mais conflito em função não apenas das dificuldades próprias dessa fase, mas também pelas sérias implicações que a decisão presente pode acarretar no futuro”.*

Daí que trabalhando na prevenção primária em ambiente escolar e na consciencialização de jovens e adolescentes de que a violência não é uma forma natural de relação entre os seres humanos, podemos obter a médio e a longo prazo alguns sinais de que a violência pode ser erradicada.

Para o funcionamento do projecto passo a passo, será necessário criar uma equipa multidisciplinar e interdisciplinar para o acompanhamento e planeamento das acções de sensibilização nas escolas para dar apoio psicossocial, e encaminhar possíveis casos que sejam referenciados por estes interventores sociais.

## 5.2 - Diagnostico Social

Segundo a metodologia de projecto, qualquer intervenção deverá fundamentar-se no conhecimento da realidade. Os seus objectivos deverão estar direccionados para as verdadeiras causas dos fenómenos e não para as suas consequências aparentes.

Um “bom diagnóstico é garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projecto de intervenção. (Guerra, 2000: 131), permitindo assegurar alguns aspectos essenciais:

- Criar um “perfil” da comunidade local (resultado das representações dos actores sociais locais);
- Determinar as diferentes áreas geográficas e demográficas da comunidade local (situação de vulnerabilidade e situação de capacitação);

O diagnóstico deve permitir compreender os processos estruturais da problemática. Para isso, serão tidos em conta todos os actores que tenham um papel importante na comunidade, bem como as redes informais de poder e solidariedade. A comunidade comporta em si recursos que importa identificar e incluir no processo da intervenção e que constituem um factor importante no sucesso desta.

Neste sentido a execução de um projecto tem como objectivo final a satisfação das necessidades identificadas para que, por outro lado, o mesmo se resolva ou minimize os problemas identificados.

Um problema visível no concelho de Ourém é a violência doméstica, e existe uma enorme necessidade de combater esta problemática apostando na prevenção.

### 5.2.1 -Apresentação do Concelho

Superfície e População:

Superfície: 416,57Km<sup>2</sup>

Densidade: 97 Hab/Km<sup>2</sup>

População: 50890 Habitantes (2008)

Freguesias: 18



No concelho de Ourém, existem equipamentos escolares que abrangem todos os graus de ensino desde a Educação Pré-Escolar até ao Ensino Secundário.

No ano lectivo 2009/2010 a rede educativa possui a seguinte configuração:

**Tabela 2 – Rede educativa de Ourém (fonte Município de Ourém)**

Valência	Nº de Estabelecimentos
Educação Pré-escolar	46
1º ciclo do Ensino Básico	55
2º ciclo do Ensino Básico	6
3º ciclo do Ensino Básico	7
Ensino Profissional	2
Ensino Secundário	3
Educação Especial	3
Ensino Artístico Especializado	2

### 5.3 - Concelho de Ourém

Ourém, Cidade e Concelho, fica situado na parte noroeste do Distrito de Santarém. Confronta a poente e a norte com os concelhos de Batalha, Leiria e Pombal, a nascente

com os concelhos de Alvaiázere, Ferreira do Zêzere e Tomar, e a sul com os concelhos de Torres Novas e Alcanena, nomeadamente com o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros.

Detendo boas acessibilidades, Ourém é fundamentalmente servido pela AE1, possuindo um nó de ligação a Fátima, e pelas EN356, EN113, EN349, EN357 e EN360. Possui ainda 190 km de estradas municipais que estabelecem uma boa rede de penetração em todo o seu território. Futuramente, será atravessado pelo IC9, que irá ligar Tomar a Leiria. Também a linha ferroviária do Norte atravessa o concelho de Ourém, sendo servido pelas estações de Caxarias Norte e de Fátima e pelo apeadeiro de Seiça.

O Concelho Ocupa uma Área de 415,7 Km<sup>2</sup> e apresenta uma Densidade Populacional de 111,2 Habitantes por Km<sup>2</sup>, e é constituído por 18 Freguesias.

A população residente tem vindo a crescer nos últimos anos, sendo de cerca de 46.216 o número de habitantes.

**Tabela 3 – População Residente por grupo etário (Fonte: Instituto Nacional de Estatística)**

<b>Grupos Etários</b>	<b>Indivíduos</b>	<b>%</b>
<b>0-14</b>	7815	16,9
<b>15-24</b>	6520	14,1
<b>25-64</b>	23281	50,3
<b>+ 65</b>	8600	18,6

O grupo etário mais jovem, dos 0-14 anos, tem vindo a diminuir continuamente nestas últimas décadas, enquanto o grupo dos 65 e mais anos tem crescido de modo significativo no mesmo período, o que significa que a população do concelho tem vindo a envelhecer progressivamente.

O envelhecimento deve-se à contínua baixa da taxa de natalidade e ao aumento da Esperança de Vida.

**Tabela 1 – População residente segundo o grau de ensino Fonte: Instituto Nacional de Estatística – Portugal, Censos de 2001**

<b>Nível de Ensino</b>	<b>N.º de Indivíduos</b>	<b>% do Total</b>
<b>Atingido</b>		
<b>Nenhum</b>	7977	17,27%
<b>1º Ciclo</b>	17657	38,22%
<b>2º Ciclo</b>	6506	14,88%

<b>3º Ciclo</b>	5028	10,88%
<b>Ens. Secundário</b>	5711	12,36%
<b>Ens. Médio</b>	172	0,37%
<b>Ens. Superior</b>	3145	6,981

Em termos económicos é um concelho que nas últimas décadas sofreu grandes transformações, tendo passado de um concelho predominantemente rural, para um concelho misto com um sector industrial em franco desenvolvimento e com um sector de serviços (terciário) muito importante.

Os Estabelecimentos de Ensino existentes no Concelho asseguram os diversos níveis de ensino, desde o Pré-Escolar ao Secundário e Ensino profissional.

### **5.3.1 - Principais Problemáticas Sociais Identificadas**

O Concelho é geograficamente disperso e populoso, devido à falta de protecção social a procura de serviços de apoio social pelos utentes é elevada.

Como problemáticas mais relevantes destacam-se as seguintes:

- Envelhecimento da população / Pessoa dependente
- Crianças em risco
- Fragilidade de competências pessoais e parentais
- Comportamentos aditivos
- **Violência doméstica**
- Dificuldades de inserção profissional

De acordo com dados da APAV de Santarém, o número de casos de violência doméstica, no Distrito tem vindo a aumentar entre os anos 2007 (215 casos registados) e 2009 (318 casos registados).

Relativamente ao ano de 2008, foram sinalizados 304 casos, no Distrito de Santarém, sendo que 23 ou seja 13% dos casos ocorreram no Concelho de Ourém<sup>8</sup>.

**O desenho e estruturação deste projecto *passo a passo*, teve em conta o pré diagnóstico do concelho de Ourém elaborado no ano 2005:**

<sup>8</sup> (fonte: relatório estatístico anual da APAV/ 2009 - <http://www.apav.pt/porCtal/index>)

- A existência de condutas desviantes na população juvenil em relação aos seus comportamentos nas relações de namoro.
- As famílias problemáticas/disfuncionais, com baixas competências pessoais onde o homem ainda exerce o seu papel de forma coerciva, recorrendo á violência doméstica abusando do seu poder no seio familiar, fruto de uma cultura machista ainda bem viva na parte norte do Concelho de Ourém.
- As baixas competências pessoais e sociais dos jovens para perceber a importância de estabelecer relações saudáveis.
- Os espaços públicos sem suporte e sem informação para aprofundar o conhecimento do fenómeno da violência doméstica e do namoro.
- Os territórios diagnosticados que contêm em si para além desta problemática uma forte estigmatização social.

#### **5.4 - Técnicas Prospectivas do Planeamento do projecto “*passo a passo*”**

As técnicas prospectivas de planeamento possibilitam a tomada de consciência e a utilização racional de um conjunto de decisões, utilizando determinados instrumentos que tenham em conta a dicotomia entre futuro provável, e futuro possível, o que e tendo em conta todos os dados podemos efectivamente contar na implementação do Projecto. Assim as técnicas prospectivas visam : “Realizar a descrição do sistema da forma mais exaustiva possível, face à problemática em questão” (Guerra, 2000:154), torna-se um processo descritivo da realidade com fases sequenciais. De uma forma implícita ou explícita o planeamento estratégico pressupõe sempre uma visão prospectiva. Os objectivos definidos são sempre considerados possíveis de atingir.

Numa reflexão prospectiva, o interessante é o processo que a conduz. O processo de planeamento é entendido como um processo de aprendizagem. Como tal, ao longo do processo é frequente ter que relocalizar o ponto de chegada e redefinir os caminhos. Hoje em dia são poucos os que consideram que o planeamento se resume a um exercício de descoberta de meios para alcançar fins pré-determinados. Fins e meios estão ligados. (Perestrelo e Caldas, 1996)

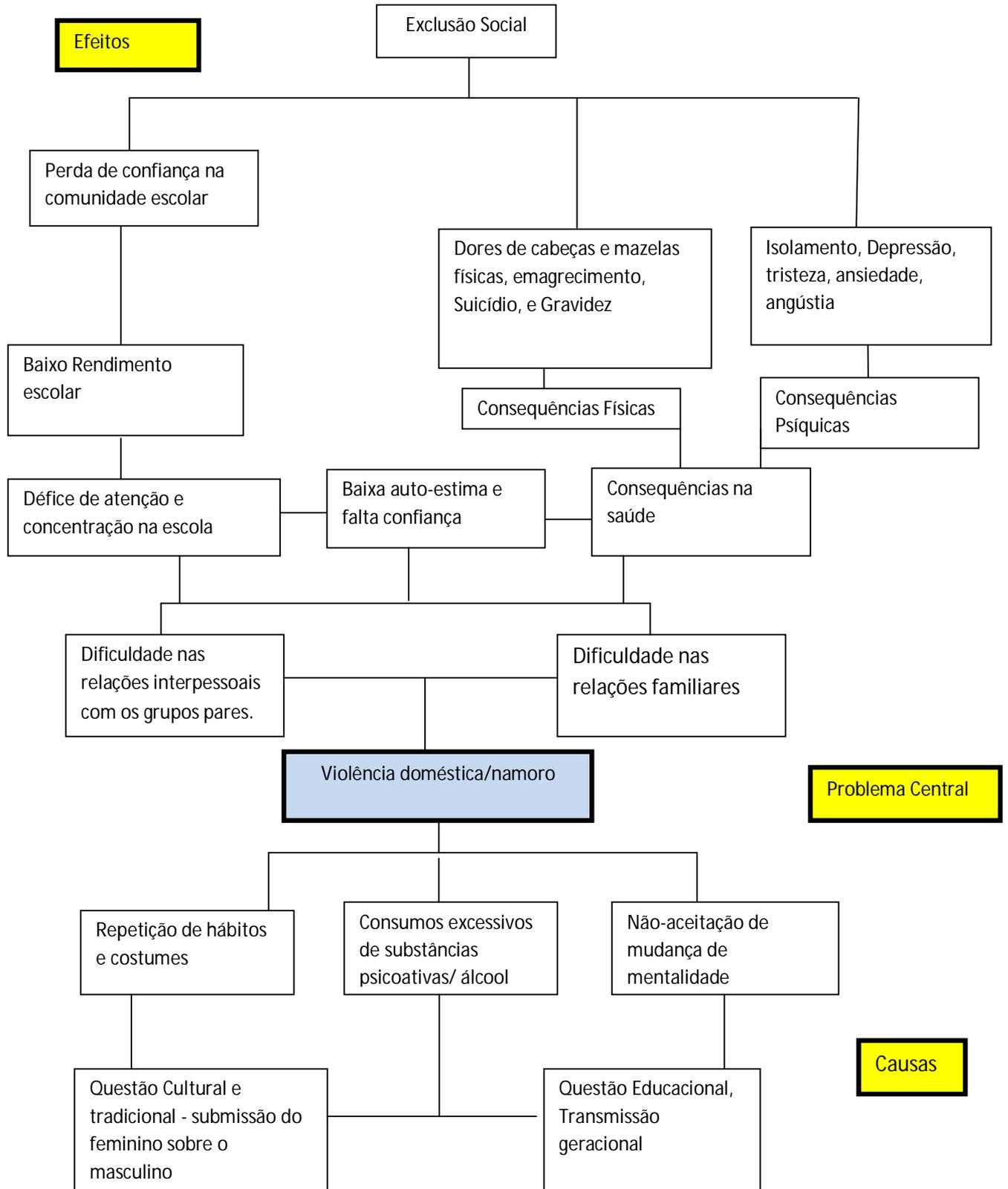
Por outro lado, não se pode considerar o planeamento como um processo que diz respeito apenas a decisores e a executantes, mas sim ao conjunto dos actores, activos e passivos, nele implicados. Uma abordagem qualitativa e prospectiva pressupõe que os

instrumentos de análise e antecipação, assim optou-se por utilizar três técnicas prospectivas, árvore de problemas, análise swot e análise dos stakeholders.

#### ***5.4.1 - Árvore de Problemas***

A metodologia da Árvore de Problemas tem como objectivo principal identificar, qualificar e dimensionar os problemas existentes. Ao criar e estruturar uma árvore, os problemas aparecem na sua verdadeira dimensão e importância, sendo então possível tomar as medidas indispensáveis para a sua resolução. Neste contexto, todos os problemas devem obedecer a dois critérios base: por um lado, devem ser concretos e, por outro, serem sustentados. Isto é, não podem estar relacionados com juízos de valor nem suposições e devem estar baseados em dados objectivos, verificáveis e comparáveis. Neste processo, devem ainda ser observadas as seguintes regras: os problemas devem ser formulados pela negativa e de uma forma muito sintética e objectiva.

Figura 2 – Arvore de problemas



Fonte: Esquema realizado pela discente.

#### **5.4.2 - *Análise Swot***

A análise SWOT é a técnica que permite revelar os pontos fortes e fracos do projecto bem como as oportunidades e ameaças.

As Forças e Fraquezas correspondem aos pontos positivos e negativos, e referem-se à situação presente e à realidade interna do Concelho. Ressalva-se que alguns dos aspectos identificados como Forças, ainda não existem no Concelho. A dinâmica que cada um deles poderá proporcionar, aconselha-nos a considerá-los neste conjunto de pontos positivos.

As Oportunidades e Ameaças referem-se a dinâmicas externas, que podem afectar ou vir a afectar positiva e negativamente o contexto em análise.

A utilização desta técnica contribuiu para organizar o diagnóstico, antecipando alguns factores que poderão ser condicionantes da situação social no Concelho.

Posteriormente na construção da matriz S.W.O.T., foi possível cruzar os dados recolhidos com dados objectivos sobre os problemas tratados, dando origem a uma identificação transversal e integrada da realidade social, que passamos a apresentar de seguida.

**Tabela 5 - Analise Swot**

<b>Forças</b>	<b>Fraquezas</b>
<p><b>6</b> - Valorizar a importância da Prevenção da violência doméstica;</p> <p><b>6</b>- Possibilidade de formar jovens, pais, professores, e a comunidade em geral;</p> <p><b>4/5</b> - Intervenção ao nível grupal e individual focada nas áreas da violência doméstica e do namoro;</p> <p><b>1/5/6</b> - Promoção junto dos jovens de comportamentos de cidadania;</p> <p><b>1</b>-Existência de um bom diagnóstico;</p> <p><b>1/4</b>- Equipa multidisciplinar;</p> <p><b>2/3/6/8/9</b>-Parcerias</p> <p><b>1/6</b>- Serviços Apoio Distrital: APAV Santarém - Linha 144</p> <p><b>1/6</b> - PSP, Tribunal Ministério Público</p>	<p><b>1</b> - Dificuldade em ganhar colaboradores;</p> <p><b>2</b>- Espaço ideal inexistente;</p> <p><b>3</b> - Fraca rede de transportes públicos</p> <p><b>4</b> - Incapacidade por parte dos técnicos para marcar momentos individuais de encontro com os alunos, pais e professores nas escolas;</p> <p><b>5</b> - Resistência à formação;</p> <p><b>6</b> - Receio por parte das vítimas falar sobre a violência doméstica;</p> <p><b>7</b> - Pressão Social – Vergonha;</p> <p><b>8</b> - Poucos equipamentos informáticos;</p> <p><b>9</b>- Falta de materiais de Apoio – brochuras, folhetos informativos</p>
<b>Oportunidades</b>	<b>Ameaças</b>
<p><b>1/2</b> - Planos de apoio para a formação de públicos estratégicos;</p> <p><b>1/3/5</b>-Utilização de políticas sociais activas existentes;</p> <p><b>6/7</b> - Mudar comportamentos;</p> <p><b>2/8/9</b> -Encaminhamento de situações para associações do exterior de apoio à vítima;</p> <p><b>2/5</b> - Criação de estruturas de apoio à vitima recorrendo a programas de financiamento como POPH;</p> <p><b>2/6/7/9</b> - IV Plano Nacional contra a Violência Doméstica</p>	<p><b>2</b> - Falta de instituições exteriores para resposta a encaminhamento de situações identificadas;</p> <p><b>2/3/5/6</b> - Insuficiência de políticas sociais activas para a intervenção com os casos sinalizados;</p> <p><b>2/8/9</b> - Cortes nos financiamentos;</p> <p><b>4/5/6/7</b> - Resistência das escolas à abertura dos profissionais;</p> <p><b>2/6/7</b> Fraca iniciativa da população alvo para a denuncia de situações.</p>

### 5.4.3 - Análise dos Stakeholders

A Análise de stakeholders é uma abordagem usada frequentemente no contexto da gestão de programas e projectos para identificar e investigar o campo da força de cada um dos grupos ou indivíduos que possam afectar ou que são afectados pela realização dos objectivos de um programa ou projecto. A análise de stakeholders ajuda a identificar a forma em que os stakeholders podem influenciar a organização ou podem ser influenciados pelas actividades do projecto, bem como a sua atitude para com o projecto e respectivos objectivos.

Qualquer intervenção está dependente das partes interessadas (*stakeholders*) e das relações e negociações que se realizam entre elas.

Por um lado temos os fornecedores e por outro os beneficiários. Torna-se essencial analisar os interesses presentes em torno de cada projecto.

Deverá ser completada pela análise de poder, de importância e pela análise de condições de participação. Outro aspecto a ter em conta são as alianças entre parceiros

Tabela 6 – Análise dos Stakeholders

Stakeholders Relevantes	Interesse no Projecto	Influência
Associação de Apoio a Vitima de Santarém (APAV)	Diminuir dos casos de VD no Distrito de Santarém; Disponibilizar materiais de suporte para a realização de acções do Projecto e partilhar o seu <i>know how</i> com a equipa do Projecto, através da disponibilização de técnicos, equipamentos audiovisuais e acompanhamento clínicos de Vitimas sinalizadas.	Média
Direcção Geral de Educação de Santarém	Prevenir o aparecimento precoce de VN nas escolas; Formar todo o corpo escolar para as questões da VD e VN; Partilhar o seu <i>know how</i> numa intervenção directa, no território diagnosticado pertencente às 7 Escolas do concelho de Ourém, onde já tiveram uma participação activa. Dinamização de acções de sensibilização e formação.	Média
Direcção Regional de Saúde – Estruturas de Saúde do Concelho de Ourém	Sinalizar casos de VD atempadamente afim de evitar agressões físicas e psicologias; Divulgar e promover e Partilhar o seu <i>know how</i> com a equipa do Projecto; Encaminhar ,Orientar e identificar através das Consultas no Centro de saúde ou nas estruturas de saúde local pessoas que sejam vitimas de qualquer tipo de coação, pressão psicológica ou qualquer outro tipo de Violência	Média

CPCJ – Concelho de Ourém	Diminuir as Vítimas (jovens e crianças) de Violência Doméstica; Sinalizar mais rapidamente casos de maus tratos familiares	Alta
Município de Ourém	Abrandar os Casos de VD e VN no concelho de Ourém; Realizar eventos e divulgar e promover o projecto, através de Flyer, panfletos, imprensa e rádio.	Alto
Centro Social de Segurança Social de Santarém – núcleo de Ourém	Realizar encaminhamentos de situações de risco para as estruturas criadas. Participar em acções de sensibilização no meio escolar e população em geral. Diminuir a VD no concelho de Ourém	Médio
Juntas de freguesia	Balizar casos de VD Divulgar e promover o projecto, através de Flyer, panfletos, imprensa e rádio.	Alto
Estabeleciment os de Ensino do Concelho de Ourém	Estimular o estabelecimento de relacionamentos baseados na paridade e no respeito mútuo ao nível das relações afectivas; Prevenir possíveis situações de violência nas relações de intimidade e de namoro e ou violência doméstica.	Alto
PSP – Ourém	Partilhar o seu know how com a equipa do Projecto, Intervir em conjunto sempre que haja necessidade de protecção quer de membros da Equipa para resgatar vítimas de violência ou no caso de ser necessário intervir perante o Agressor	Alto

Para desenhar este projecto foi necessário confortar os dados, evidências e informações existentes nos métodos prospectivos apresentados anteriormente, ou seja, na árvore de problemas, matriz SWOT e na análise dos stakeholders. Tratou-se de construir uma porção de conhecimento necessário para que se possa concretizar um plano de trabalho que seja suficientemente esclarecedor e sobretudo um dia na execução do projecto. De seguida apresentam-se os objectivos do projecto tendo em conta a informação retirada e assimilada através destas ferramentas prospectivos.

## **5.5 - Objectivos do Projecto**

O projecto social “*passo a passo*” consiste na prevenção da violência doméstica e do namoro tentando articular em três dimensões, a prevenção primária, secundária e a terciária pautando pelo seguinte objectivo geral:

### **1 - Promover acções de sensibilização vocacionadas para a prevenção, junto dos alunos das escolas do concelho de Ourém para a problemática da violência doméstica conjugal e Violência no namoro**

Para a concretização do objectivo geral, foram criados os seguintes objectivos específicos:

1.1 - Sensibilizar alunos e alunas para a necessidade de prevenir situações de violência nas relações interpessoais, nomeadamente as que assentam em concepções de desigualdade.

1.2 Informar a comunidade escolar sobre a problemática da violência nas relações interpessoais, especificamente as de intimidade e de namoro

1.3 - Estimular o estabelecimento de relacionamentos baseados na paridade e no respeito mútuo ao nível das relações afectivas.

1.4 - Prevenir possíveis situações de violência nas relações de intimidade e de namoro.

1.5 - Promover uma cultura escolar de respeito, igualdade e de não-violência.

1.6 - Intensificar e sistematizar as medidas de sensibilização e de prevenção dotando as vítimas de instrumentos eficazes para que tenham sucesso na sua reinserção social;

Estes objectivos foram congregados de acordo com as vertentes do Projecto social “*passo a passo*” tendo em conta o grupo específicos da população alvo que o projecto se dirige.

## **5.6 - População – alvo**

O projecto social “*passo a passo*” será desenvolvido em sete contextos escolares, ou seja, as sete escolas do terceiro ciclo do concelho de Ourém.

Escola EB 2+3 da Freixianda; Escola EB 2+3 Cónego Dr. Manuel Lopes Perdigão – Caxarias; Escola IV Conde de Ourém, Escola Secundária de Ourém, Centro de Estudos de Fátima, Colégio Sagrado Coração de Maria e Colégio São Miguel.

Nestes contextos escolares e educativos, o trabalho irá se desenvolver, em função dos objectivos do projecto social “*passo a passo*”, mas também será tido em consideração

as necessidades de cada contexto, numa relação dialéctica de parceria que se virá a construir.

Assim o projecto será concretizado em algumas turmas seleccionadas articulando pontualmente com intervenção individual junto dos alunos de cada escola. As acções de sensibilização, seguidamente descritas, têm como objectivo informar e sensibilizar para o fenómeno da violência no seio das relações de intimidade, dando a conhecer em que consiste este grave problema social.

Apresentando o que se conhece sobre as suas causas e consequências sobre as vítimas e mostrando como as relações de género estão na base da regularidade da violência. Neste sentido, mais uma vez fazemos notar que a informação e a sensibilização sobre a violência doméstica e do namoro se articulam com a estratégia de promoção da Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens.

### **5.7 - Acções**

As acções de sensibilização em contexto escolar, serão realizadas em vários momentos, com se pode ver no cronograma apresentado mais a frente. No entanto, por limitações inerentes à definição do projecto “*passo a passo*” e do seu público-alvo teve-se que restringir a nossa intervenção ao nível do terceiro ciclo. A abordagem durante as acções pretende ser não só informativa mas igualmente reflexiva e para tal, irá se recorrer a visionamento de filmes sobre o tema suscitando a reflexão em grupo e a posterior exploração dando voz às percepções dos jovens e às suas dúvidas.

As sessões deverão desenvolver-se em três momentos:

- 1) Momento organizador: lembrar os conteúdos da sessão anterior e explicitar os conteúdos a tratar na respectiva sessão;
- 2) Momento de desenvolvimento: apresentação das actividades propostas para a sessão;
- 3) Momento de avaliação: reflectir sobre o que se aprendeu e como decorreram as actividades

A duração de cada sessão é, preferencialmente, de 45 minutos, mas algumas temáticas ou actividades podem exceder este tempo e prolongar-se para 90 minutos. Assim sendo, num primeiro momento será apresentada a equipa e o programa a desenvolver com o grupo-turma, assim como cada adolescente / jovem, tentando criar um clima de confiança. Num segundo momento será feito um levantamento dos temas que alunos e

alunas gostariam de tratar e no final a negociação e calendarização dos temas pelas sessões ao longo do ano lectivo, assim como algumas regras e organização do trabalho a desenvolver em conjunto.

Como o projecto será desenvolvido em várias escolas, o programa e o número das acções será igual nas sete escolas, podendo mudar apenas os dias da realização das acções de sensibilização.

**Tabela 7 – Acções que se pretendem realizar**

Descrição	Duração		Locais	Metodologias	Objectivo(s) Específico(s)
	Início	Fim			
Acção de sensibilização: informar, formar e sensibilizar para - Corpo, Género, Movimento e Educação	Novembro de 2011	Junho de 2012	Escolas do Concelho de Ourém	Método expositivo/activo Visionamento do documentário, seguido de debate/esclarecimento de dúvidas; Jogos pedagógicos;	Sensibilizar alunos e alunas para a necessidade de prevenir situações de violência nas relações interpessoais, nomeadamente as que assentam em concepções de desigualdade de género Prevenir possíveis situações de violência nas relações de intimidade e de namoro. Promover uma cultura escolar de respeito, igualdade e de não-violência.

## 5.8 - Cronograma

Para uma melhor interpretação do cronograma, é importante referir que são sete escolas envolvidas neste projecto, assim dividiu-se as acções por semanas, para poder conjugar os horários entre as escolas e os técnicos.

Tabela 8 - Cronograma das acções

Datas	Temas
Semana de 7 a 11 de Novembro de 2011	Apresentação do programa; Apresentação do grupo técnico; Exploração das expectativas/motivações
Semana de 21 a 25 de Novembro de 2011	Clarificar os conceitos – violência e violência doméstica; Identificar e nomear as diferentes formas da violência doméstica
Semana de 12 a 16 de Dezembro de 2011	Compreender as causas da violência; Compreender os efeitos da violência
Semana de 9 a 13 de Janeiro de 2012	Romper mitos acerca da violência doméstica
Semana de 23 a 27 de Janeiro de 2012	Romper mitos acerca da violência doméstica enquanto crime
Semana de 06 a 10 de Fevereiro 2012	Conceito de Queixa/Denúncia; Estereótipos de género: definição de género, Visionamento de um pequeno filme sobre estereótipos
Semana de 20 a 24 de Fevereiro 2012	Estereótipos de género: (recordação); Realização de uma actividade sobre estereótipos de género
Semana de 05 a 09 de Março 2012	Reflexão sobre a actividade anteriormente realizada; Estereótipos de género nos media; Trabalho de grupo/Apresentação dos trabalhos
Semana de 19 a 23 de Março de 2012	Estereótipos de género nos media: Apresentação dos trabalhos; O namoro: Visionamento de um filme sobre a violência no namoro; Exploração dos conteúdos apresentados no filme .
Semana de 02 a 06 de Abril de 2012	Relações saudáveis vs relações não saudáveis; Exploração de um texto sobre relações saudáveis/não saudáveis
Semana de 07 a 11 de Maio de 2012	Exploração de um texto sobre relações saudáveis/não saudáveis (cont.): reflexão em grupo; Espaço pessoal; Recursos da comunidade/pessoais; Sentimentos: Identificar sentimentos-trabalho de grupo
Semana de 21 a 25 de Maio de 2012	Sentimentos: Exploração emocional.
Semana de 04 a 08 de Junho de 2012	Comportamentos: passivo, agressivo, assertivo; Tomada de decisão
Semana de 11 a 15 de Junho de 2012	Preparação da actividade final; reflexão sobre as acções
Semana de 18 a 22 de Junho de 2012	Actividade Final

## 5.9 - Avaliação

O propósito essencial da avaliação é obter feedback. A avaliação permite-nos perceber se estamos a dar resposta às necessidades identificadas, se os objectivos foram alcançados, se existiram mudança e em que medida foi alcançada a mudança. Esta informação é importante na medida em que nos orienta acerca da necessidade de realizar alterações à intervenção e/ou à pertinência de continuar na mesma linha de intervenção. A avaliação documenta o que aconteceu no projecto, demonstra as estratégias que funcionam melhor e aponta os elementos que necessitam de ser modificados. Avaliar significa reconhecer o que está a acontecer e perceber porque acontece. Não se trata apenas de olhar para resultados, mas também para o processo que levou a esses resultados.

Nesta perspectiva, a avaliação pode ser vivida como uma oportunidade de aprendizagem capaz de:

- Corrigir erros que possam ter existido no curso do projecto;
- Evitar a repetição de erros de outros projectos;
- Aumentar a capacidade técnica de todos os envolvidos no planeamento, implementação e avaliação do projecto;
- Aumentar a capacidade para detectar, gerir e minimizar os riscos do projecto;
- Redefinir objectivos e/ou estratégias quando tiverem acontecido mudanças externas, ou sempre que esta redefinição potenciar a adequação do projecto;
- Melhorar a capacidade de gestão do projecto;

A Avaliação do projecto será efectuada a dois níveis: de processo, isto é, contínua, efectuada pela equipa técnica/parceiros e de resultados, através de questionários de avaliação da satisfação dos participantes, questionário de satisfação do material distribuído, questionário de avaliação do grau de conhecimentos, grelha de observação, relatórios de participação de acção, folha de registo de participação das sessões, guiões de entrevista, relatórios de actividades e outros instrumentos de avaliação a criar, se necessários, para medir a eficácia interventiva.

**Tabela 9 – Indicadores de Avaliação e instrumentos a aplicar**

Objectivos Específicos	Indicadores		Instrumentos a utilizar
	Processo	Resultados	Quais
<p>1.1 - Sensibilizar alunos e alunas para a necessidade de prevenir situações de violência nas relações interpessoais, nomeadamente as que assentam em concepções de desigualdade. 1.2 Sensibilizar a comunidade escolar para a problemática da violência nas relações interpessoais, especificamente as de intimidade e de namoro. 1.3 - Estimular o estabelecimento de relacionamentos baseados na paridade e no respeito mútuo ao nível das relações afectivas. 1.4 - Prevenir possíveis situações de violência nas relações de intimidade e de namoro. 1.5 - Promover uma cultura escolar de respeito, igualdade e de não-violência. 1.6 - Intensificar e sistematizar as medidas de sensibilização e de prevenção dotando as vítimas de instrumentos eficazes para que tenham sucesso na sua reinserção social;</p>	<p>-Nº de produção de materiais de suporte da acção; -Nº de material distribuído sobre a Violência do género; -Nº de acções realizadas; - N.º de participantes; -Satisfação dos participantes - Grau de conhecimentos</p>	<p>-Grau de execução das realizações Previstas (resultados observados vs resultados previstos); - Satisfação dos participantes; - Conhecimentos dos participantes;</p>	<p>-Folha de registo de participação na sessão; -Relatório de participação da acção; -Grelha de observação; -Questionário de satisfação de participação; - Questionário de avaliação de conhecimentos;</p>

## CONCLUSÃO

Embora a recolha de informação tenha sido muito importante, a verdade é que muito outras questões teriam sido interessantes para este estudo, no entanto, algumas não foram possíveis, devido ao contexto onde foram recolhidas.

O homem é um animal racional-social que necessita de interagir com o meio para sobreviver, quanto ao nível biológico como emotivo/psicológico. Vivendo em sociedade seja ela qual for, independentemente a sua cultura, costumes, tradições, gostos entre outros.

É nesta sociedade que encontramos diversos problemas sociais que de certo modo, influenciam a forma de vida do indivíduo, como é o caso da violência no namoro.

Este problema social é identificado através de maus tratos físicos, psicológicos, abusos, violências sexuais, intimidações, humilhações, etc. E é visto quando, numa relação amorosa, um exerce poder e controlo sobre o outro, com o objectivo de obter o que deseja.

Por norma são as raparigas que mais sofrem com esta violência, porque elas acreditam que as crises de ciúmes e o sentimento de posse do namorado significam que ele a ama, pensam que são responsáveis pelos problemas da relação e não podem recusar ter relações sexuais quando ele deseja. Por sua vez, os rapazes pensam que têm o direito de decidir determinadas coisas pela namorada, consideram que ser masculino é ser agressivo e usam a força, assim como pensam que o respeito impõe-se. Este tipo de violência não conhece fronteiras de estratos sociais, faixas etárias, religiões, etnias, e ocorre em todos os casais, independentemente da opção sexual.

Por vezes, estas jovens mantêm este tipo de relação porque gostam imenso do companheiro e acreditam que ele mais cedo ou mais tarde vai mudar, assim como sentem a pressão da sociedade, nomeadamente do grupo de amizade em que o casal está inserido e têm vergonha de contar aos mais próximos o que se passa e temem pelas consequências originadas pelo companheiro, por exemplo ameaças e perseguições.

No entanto, não cabia neste estudo esclarecer ou saber se a violência no namoro era exercida mais pelo género masculino ou feminino, importou medir e avaliar a pertinência e necessidade de fazer um trabalho continuado de promoção no combate a violência doméstica e do namoro.

Observou-se que existem muitas dúvidas e influências adquiridas nos contextos vividos por estes jovens, foi também notório que existe ainda muito medo e tabu em abordar este tema.

Em relação a comunidade escolar, ou seja professores, assistentes operacionais e todos os actores envolvidos na educação verificou-se através de relatos feitos de forma informal, que faltam recursos humanos credenciados e preparados para apresentar sessões de esclarecimento sobre o tema em estudo.

Se por um lado podemos pensar que a nossa realidade social e o contexto urbano ou rural influencia a forma como tanto os jovens como os técnicos percebem a violência doméstica e do namoro, por outro lado, percebemos que a escola continua a apostar nas disciplinas tradicionais.

Porém seria de louvar que no futuro investisse em transmitir conhecimentos preventivos e que possam colmatar as lacunas existentes na educação dos jovens, fruto de uma ausência de valores e de capacidade de intervenção por parte da família.

Os valores morais falados anteriormente, o respeito a confiança e o diálogo serão sempre a única e a possível forma de regulação social que leva a paz e a um ambiente e relações saudáveis.

Foi perceptível no estudo que existem conflitos internos silenciosos por parte de alguns jovens e que poderão marcar as suas vidas para sempre. Todos os projectos que se possam vir a realizar dentro desta problemática, terão de ter um cariz inovador e potenciador na criação laços de confiança entre os promotores e os destinatários.

Sabendo que os jovens de hoje são os homens de amanhã, é importante preparar esses jovens o mais atempadamente possível. O projecto “*passo a passo*” acima de prevenir para um futuro de não violência, terá sempre a preocupação de inculcar nos jovens princípios e valores de respeito igualdade e amizade, onde o dialogo prevalecerá sempre.

O projecto “*passo a passo*” é pertinente e tem intenções e aspirações de futuro, uma vez que pode ser aplicado e replicado noutros pontos do país não só no concelho de Ourém.

A missão deste projecto traduz os ideais e orientações globais do mesmo, o combate a violência doméstica e do namoro no concelho de Ourém, olhando para este fenómeno transversal a toda a sociedade de uma maneira inovadora e que seja portadora de mudança social. A visão e a construção das actividades a realizar no cronograma supra apresentado serão executadas sempre de acordo com as necessidades apresentadas pelos destinatários dessas acções, bem como serão adaptadas aos modelos e aos padrões que se vão desenvolvendo na sociedade contemporânea. As transformações dos movimentos sociais dos jovens e das famílias obrigaram com certeza a que se desenvolva novas práticas

de intervenção que sejam adequadas para que se faça frente a problemática da violência doméstica e do namoro.

Inovar nos métodos de trabalho realizados por todos os parceiros envolvidos no projecto é um objectivo primordial para que consigamos implementar e executar esta tarefa.

Para completar o projecto social “*passo a passo*”, a segunda etapa deste projecto passará pela criação de um Centro de Informação e Prevenção da Violência Doméstica, onde toda a população se pode dirigir afim de obter esclarecimentos, informações, apoio psicológico e jurídico.

O Centro será um espaço juvenil, com alguns computadores, ligação a internet, uma mediateca, e um técnico permanente que será responsável por desenvolver diversas actividades, como acções de sensibilização, workshops e cursos de formação profissional para a população em geral.

Para além dessas actividades irá conceder atendimento individual às famílias vítimas de violência doméstica, e aos dos jovens vítimas de violência no namoro.

Paralelamente irá ser criado um OTLF (Ocupação dos tempos livres para a família), que será organizado por grupos, onde se irá intervir directamente com família, desenvolvendo capacidades afectivas, pessoais, e sociais, potenciadoras de auto-estima, discutindo diversos temas da actualidade, incidindo sempre na questão fundamental do projecto “*passo a passo*”, a violência doméstica e no namoro. Será fundamental também desenvolver com as famílias, a construção de novos projectos de vida. No OTLF irão se desenvolver actividades sócio culturais para pessoas vítimas de violência doméstica e do namoro, irá funcionar um dia por semana no Centro, e outro dia nas sedes das juntas de freguesia do concelho.

Ao concluir este trabalho, fica um poema de Francisco Xavier onde retrata a mensagem da criança que alerta para as questões de educação e de valores que se devem transmitir o mais cedo possível

### **Mensagem da Criança**

Dizes que sou o futuro.

Não me desampares o presente.

Dizes que sou a esperança da paz.

Não me induzas à guerra.

Dizes que sou a promessa do bem.

Não me confies ao mal.  
Dizes que sou a luz dos teus olhos.  
Não me abandones às trevas.  
Não espero somente o teu pão.  
Dá-me luz e entendimento.  
Não desejo tão só a festa de teu carinho.  
Suplico-te amor com que me eduques.  
Não te rogo apenas brinquedos.  
Peço-te bons exemplos e boas palavras.  
Não sou simples ornamento de teu caminho.  
Sou alguém que bate à porta em nome de Deus.  
Ensina-me o trabalho e a humildade, o devotamento e o perdão.  
Compadece-te de mim e orienta-me para o que seja bom e justo...  
Ajuda-me hoje para que amanhã eu não te faça chorar.

## BIBLIOGRAFIA

Alarcão, Madalena (2002), *(des) Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.

Antunes, M. A. F. (2002). *Violência e vítimas em contexto doméstico*. Coimbra: Quarteto Editora.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (1999), Manual alcipe: "Para o atendimento de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica". 2ª Ed. Revista e Atualizada. Edição apoiada pelo: Governo dos Açores

Barberá , E. L. *Violência e poder na vida cotidiana do casal*. In: Vitale, M. A. F. (Org). Laços amorosos. São Paulo: Agora, 2004.

Bardin, Laurence (1988), *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Callahan, M. R. Tolman , R. M. Saunders , D. G. *Adolescent dating violence victimization and psychological well-being*. Journal of Adolescent Research, v. 18,( p. 664-681, 2003).

Caridade, Sónia (2011), *Vivências Íntimas – Uma Abordagem científica*. Coimbra: Almedina Coimbra

Carter ,B. e McGoldrick, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Costa, Maria Emília & Duarte, Cidália (2000). *Violência familiar*. Porto: Âmbar.

Cummings, E, & Davies, P. (1994). *Children and marital conflict. The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.

Dias, Isabel (2004). *Violência na Família. Uma abordagem Sociológica*. Porto: Afrontamento.

Fischer, Gustave Nicolas (1992). *A Dinâmica social: violência, poder, mudança*. Lisboa: Planeta Editora

- Gelles , Richard J.; Straus , Murray A. (1988) – *Intimate violence: the causes and consequences of abuse in the American family*. New York, Touchstone.
- Giddens, Anthony (2006). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Presença.
- Godet, Michel (1993): *Manual de prospectiva estratégica: da antecipação à acção*, Lisboa, Publicações D. Quixote
- Goleman, Daniel (1997). *Inteligência Emocional*. Sociedade Industrial Gráfica Lda.
- Gonçalves, E., Sá, L., & Caldeira, M. (2005). Estudo de caso. Tese de Mestrado em Educação (não publicada). Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa
- Gonçalves, R. A, & Machado, C. (coords.). (2006). *Psicologia forense*. Coimbra: Quarteto Editora
- Guerra, Isabel (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*. Estoril: Principia Editora Lda.
- Labrador, F., Vallejo, M., Matellanes, M., Echeburúa, E., Bados, A., & Fernández Montalvo, J. (2003). La eficacia de los tratamientos psicológicos. *Infocop*, 17, 25-30
- Le Bars, Stéphanie (2007). Porta fechada para as mulheres. In *O Livro Negro da Condição das Mulheres*, (pp. 72-77) Braga: Tilgráfica SA.
- Machado, C. (2005). *Violência nas famílias portuguesas: Um estudo representativo na região norte*. *Psychologica*.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). *Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária*. *Psychologica*.
- Magalhães, T. (2002). *Maus tratos em crianças e jovens – Guia para Profissionais*. Coimbra: Quarteto Editora

Manita, C. (2005). *A intervenção em agressores no contexto da violência doméstica em Portugal: Estudo preliminar de caracterização*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Matos, M. (2002). *Violência conjugal*. In C. Machado & R. A. Gonçalves (Ed.), *Violência e vítimas de crime*, I: Adultos. Coimbra: Quarteto Editora.

Matos, M., & Machado, C. (1999). *Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise*. Psicologia: Teoria, Investigação e Prática.

Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). *Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar*. Psicologia: Teoria e Prática.

Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (1998). Manual da entrevista de inculcação aos pares e documentos adicionais. Instituto de consulta psicológica, formação e desenvolvimento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto.

Moura, C.B. Orientação profissional sob um enfoque da análise do comportamento. Londrina: UEL, 2001

Oliveira, M. M.; Teixeira, K. M.D.; Santana, M. M.; Oliveira, P. R. C.; Lélis C. T.; Freitas, M. C. P. e Linhares, A. M. (2009) *Marcas Psicológicas da Violência Doméstica: análise de histórias de vida de mulheres de comunidades populares urbanas*. Revista Textos e Contextos v. 8, p 123- 139

Organização das Nações Unidas (1999), *Direitos Humanos e Serviço Social –Manual para Escolas e Profissionais de Serviço Social*”; Lisboa: Departamento Editorial do ISSS

Pagelow, M. D. (1984). *Family violence*. New York: Praeger.

Pais, Elza (1998). *Espaço doméstico e violência*. In Espaço S: Revista de Educação Social 0, 11-15.

Payne, Malcolm (2002). *Teoria do Trabalho Social Moderno.*; 3.<sup>a</sup> edição, Coimbra: Quarteto Editora

Perestrelo, Margarida; Castro Caldas, José Maria (2000): *Instrumentos de análise para utilização no método dos cenários. II - Estratégia de actores*, Working Paper, Dinâmia, Lisboa.

Portugal. Estrutura De Missão Contra a Violência Doméstica (2006) – Guia de recursos na área da violência doméstica. [Lisboa]. Ed. Estrutura de missão contra a violência doméstica, Presidência do Conselho de Ministros, Ministério da Solidariedade, do Trabalho e da Segurança Social.

Portugal. Ministério da Saúde. Direcção Geral da Saúde (2005) – *Saúde e violência contra as mulheres: um estudo sobre as relações existentes entre a saúde das mulheres e as várias dimensões de violência de que tenham sido vítimas*. Lisboa, Direcção Geral da Saúde, p.43.

Portugal. Presidência Do Conselho De Ministros, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (2001) – *Violência contra as mulheres na família*. 5.º ed. Lisboa, CIDM. “Colecção Informar as Mulheres, nº9”

Portugal. Presidência Do Conselho De Ministros, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (2003) – *II Plano Nacional Contra a Violência Doméstica 2003-2006*. Lisboa, CIDM

Quivy, Raimond & Campenhaut, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rodrigues, Marlene Braz (2007), *Corpo, Sexualidade e Violência Conjugal Análise e Intervenção Social*; Lisboa: CPITHS/VERAS

Sani, Ana Isabel (2002). *As crianças e a violência*. Coimbra: Quarteto.

Sarkar, Soumodip (2009), *Empreendedorismo e Inovação*. Escola Editora

Saunders, C.D. (2003). *The emerging field of conservation psychology*. Human Ecology Review, 10 (2): 137-149.

Silva, Luísa Ferreira (1991); *O direito de bater na mulher – violência interconjugal na sociedade portuguesa* ; Revista Análise Social vol. XXVI

Sousa, A. I. (2002). *As mulheres e a violência doméstica*. União de Mulheres Alternativa e Resposta.

Sousa, Liliana (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.

Treiner, Sandrine (2007). *Em nome da “Honra”: Crimes no mundo muçulmano*. In O Livro Negro da Condição das Mulheres, (pp. 78-85) Braga: Tilgráfica, SA

Vicente, Ana (1998); “ As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio”; Coimbra:Multinova.

Strecht, P. (1999). *Preciso de Ti: perturbações psicossociais em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Vicente, Ana (2000); *Direitos das Mulheres / Direitos Humanos*; Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

Xavier, Francisco Cândido. Da obra: *Antologia da criança*. Ditado pelo Espírito Meimei. Ideal.

Weiss, Maria Lúcia L. *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2004

World Health Organization (2002) – First ever Global Report on Violence and Health released. New W.H.O report more complete picture of global violence, Geneva; 3 October.

Zillmann, D. (1994). *Cognition-excitation interdependencies in the escalation of anger and angry aggression*.

## **Créditos de Fotografia**

Fotografia da Capa – Autora: Liliete Matias, ano: 2011

## ANEXOS

# **DOCUMENTO - I - Autorizações**

## **CONSENTIMENTO INFORMADO** (adaptado da WHO, 2004)

---

O meu nome é Liliete Matias. Sou discente do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, resultante da parceria entre a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e estou a desenvolver a minha tese/projecto assente num trabalho de sensibilização/formação com jovens do 3º ciclo, ao nível da violência doméstica e violência no namoro, podendo assim servir como futura estratégia de prevenção em comportamento de risco associados a esta problemática.

A sua colaboração neste estudo consistirá no preenchimento de um inquérito sobre acção dada anteriormente. Os dados apurados serão analisados e publicados no trabalho de âmbito académico, sendo todavia preservada a confidencialidade e o anonimato de quem os preencheu, servindo unicamente para os fins da Investigação Científica que me proponho a realizar

Com o intuito de facilitar o tratamento dos dados do inquérito gostaria de obter a sua autorização.

Não obstante, importa referir que tem o direito de parar de responder ao questionário, assim como, de não responder a questões que não queira. Não existem respostas correctas ou incorrectas, tratando-se de experiências de vida e de uma avaliação pessoal.

---

Aceito participar no preenchimento do inquérito? (sublinhe a opção)

Sim

Não

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

(Assinatura do Encarregado de Educação)

---

(Assinatura do participante)

---

(Assinatura da investigadora)

## **CONSENTIMENTO INFORMADO** (adaptado da WHO, 2004)

---

O meu nome é Liliete Matias. Sou discente do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, resultante da parceria entre a Faculdade de Psicologia e Ciências da

Educação e a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e estou a desenvolver a minha tese/projecto assente num trabalho de sensibilização/formação com jovens do 3º ciclo, ao nível da violência doméstica e violência no namoro, podendo assim servir como futura estratégia de prevenção em comportamento de risco associados a esta problemática.

A colaboração dos adolescentes da sua escola neste estudo, consistirá na participação numa acção de sensibilização referente ao tema da violência doméstica/namoro e preenchimento de um questionário final. Os dados apurados serão analisados e publicados no trabalho de âmbito académico, sendo preservado o anonimato dos inquiridos e da respectiva escola, servindo unicamente os mesmos para os fins de pesquisa que me proponho a realizar,

Com o intuito de facilitar o tratamento dos dados do inquérito gostaria de obter a sua autorização.

Não obstante, importa referir que têm o direito de parar de responder ao questionário, assim como, de não responder a questões que não queiram. Não existem respostas correctas ou incorrectas, tratando-se de experiências de vida e de uma avaliação pessoal.

---

Aceita que os alunos da sua escola participem no preenchimento do inquérito? (sublinhe a opção)

Sim

Não

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

(Assinatura do Director do Concelho Executivo)

---

(Assinatura da investigadora)

# **Documento – II - Questionário**

## Questionário

(coloca um cruz no espaço a frente da resposta que aches correcta. Obrigada pela colaboração)

**Identificaste-te com alguma situação do vídeo em acabaste de ver?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**O teu namorado/a exige ler as tuas mensagens escritas?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**O teu namorado/a fica chateado/a se estiveres com os teus amigos/as sem ele estar presente?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**Por exigência do teu namorado/a perdeste amigos/as?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**O teu namorado/a exige que o/a ajudes nos testes?**

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

**Coloca um círculo nas palavras que aches que estão relacionadas com a Violência**

respeito      manipulação      estalada      empurrão      ciúmes carinho bofetada

afecto      puxar o cabelo      empurrar

amor      insulto      gritar      mimos      ofender      criticar ajudar nos

testes      ternura      julgar

**Depois desta apresentação, o que aches que podemos fazer para combater a Violência no Namoro e a Violência Domestica?**

---

---

---

**De 1 a 4 como classificas esta acção, sendo 1 Insuficiente, 2 suficiente, o 3 bom e o 4 muito bom, coloca uma cruz no respectivo número.**

1\_\_\_\_      2\_\_\_\_      3\_\_\_\_      4\_\_\_\_

**Documento – III –  
Apresentação Power Point**



# Acção Sensibilização Violência no Namoro

Liliete Matias

Maio de 2011

1



## Violência no Namoro

2



## Definição

### ↳ *Violência*

- = • crueldade;
- = • prepotência;
- = • tirania;
- = • força empregue contra o direito natural de outrem.



qualquer comportamento que vise causar dano a outra pessoa, ser vivo ou objecto.

3

# Violência



## ↳ Onde surge?

↳ nas relações de namoro



↳ nas relações conjugais



4

# Namoro



→ sinónimo de ternura, carinho, afecto, respeito

→ sinónimo de conquista

≠

VIOLÊNCIA

5

# Violência no Namoro



## Quando Surge?

- Os **rapazes** pensam que:
  - têm o direito de decidir pela namorada;
  - o respeito se impõe;
  - ser  é ser agressivo e usar a força.

6

## Violência no Namoro



### Quando Surge?

- ▶ As **raparigas** acreditam que:
  - as crises de ciúmes do namorado significam que ele a ama;
  - o sentimento de posse do namorado = amor verdadeiro;
  - são responsáveis pelos problemas da relação;
  - não podem recusar ter relações sexuais quando ele deseja.

7

## Violência no Namoro



- 📊 É cada vez mais precoce;
- 📊 Em Portugal, 1 em cada 4 jovens já foi vítima de violência;
- 📊 Há jovens que toleram e desculpabilizam a violência:
  - "estava descontrolado";
  - "perdeu a cabeça"
  - "tem medo de me perder"

8

## Tipos de violência

### ⇒ Física



### ⇒ Emocional/ Psicológica



### ⇒ Sexual



9

## Violência física



- ✔ Empurrar, puxar cabelo;



- ✔ Dar estalos, murros, pontapés;



- ✔ Apertar o pescoço;

10

## Violência física



- ✔ Bater com a cabeça da vítima na parede;



- ✔ Tentar o homicídio.



11

## Violência emocional/psicológica



- ⇒ Criticar, negativamente, atributos físicos e/ou comportamentos do outro;
- ⇒ Insultar e Humilhar em público ou em privado;
- ⇒ Ser ciumento e possessivo;
- ⇒ Controlar todos os teus movimentos;



12

## Violência emocional/psicológica



⇒ Gritar de forma a meter medo;



⇒ Fazer perseguições inexplicáveis;



⇒ Ameaçar espalhar rumores, caso acabem a relação.

13

## Violência sexual



\\ Forçar relações sexuais contra a vontade;

\\ Obrigar a praticar ou a assistir a actos sexuais com terceiros;

\\ Torturas sexuais.



14

## Ciclo da violência



15

## Ciclo da violência



### 1ª Fase:

Problemas do dia-a-dia



Geram tensões



Surgem discussões



Violência



16

## Ciclo da violência



### 2ª Fase:

Uso de abuso: - físico  
- psicológico  
- sexual



quando aumenta pode:

- pôr em risco integridade física da vítima

- levar à morte



17

## Ciclo da violência



### 3ª Fase:

Após explosão violenta



Período de descompressão = mudança de atitudes do agressor



= Fase "Lua-de-mel"

18

## Ciclo da violência



### Fase "Lua-de-Mel"



⇒ agressor:

- desculpa-se;
- pede desculpa;
- oferece presentes;
- promete que não voltará a repetir-se.



19

## Relações Violentas



Porquê mantê-las???

→ 1. Gostar muito do namorado:

- querer que a violência acabe, mas não o namoro;

- acreditar que poderá mudá-lo.



20

## Relações Violentas



Porquê mantê-las???

→ 2. A pressão do grupo:

- o que os amigos (as) pensam de nós tem muita importância;



21

## Relações Violentas



Porquê mantê-las???

- 3. A vergonha de contar às amigas e família;



- 4. O medo de ameaças e perseguições.

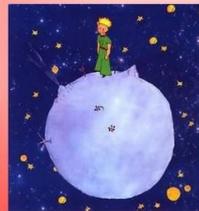
22

## Relações Violentas



Porquê mantê-las???

- 5. Crenças em mitos



23

## Mitos e Preconceitos



*“O Príncipe Encantado existe...”*



24

## Factos



- 📄 Acreditamos que:
  - há pessoas especiais;
  - o amor pode transformar o/a outro (a).



- 📄 Vemos e valorizamos, no outro, apenas o positivo

- 📄 Desvalorizamos quando somos maltratados



25

## Mitos e Preconceitos



*“É ciumento/a porque me ama...”*



26

## Factos



📄 ciúmes = desculpa para controlar o outro



São interpretados como provas de amor

MAS...

📄 ciúme, apenas, te mantém dependente



27

## Mitos e Preconceitos



*“Ele no fundo não é mau . . . quando bebe uns copitos fica transtornado.”*



28

## Factos



↳ O Consumo excessivo de álcool é:

- apenas, argumento do(a) agressor(a) para desculpar o seu comportamento;



O álcool por si só não explica a violência!!

29

## Mitos e Preconceitos



*“Há raparigas que provocam os namorados, não admira que eles se descontrolem”*



30

## Factos



Gostar = respeitar o outro por aquilo que ele é.

↳ O namorado não tem o direito de mal tratar a rapariga quando discorda de alguma atitude ou conduta desta.



✔ maus-tratos = crime

31

## Mitos e Preconceitos



*“Quanto mais me bates mais gosto de ti.”*



32

## Factos



↳ As agressões não mostram:

- que o outro “se preocupa comigo”;

- que “me dá atenção”



GOSTAR é RESPEITAR!

33

## Mitos e Preconceitos



*“A jovem sofre porque quer, se não já o tinha deixado...”*



34

## Factos



↳ Mulheres permanecem em relações mal tratantes por:

- ↳ receio de represálias;
- ↳ desconhecimento dos seus direitos;
- ↳ falta de apoio;



35

## Mitos e Preconceitos



*“Entre “namorados” ninguém meta a colher”*



36

## Factos



↳ Como violência é CRIME



Somos todos/as responsáveis

Devemos gritar:



37

## Vítimas



↳ Quem são?

✔ Mulheres



✔ Homens



38

## Agressores



↳ Quem são?

✔ Homens (namorado, marido, ex-namorado, ex-marido)



- Raramente são violentos fora de casa
- Aparenta ser uma pessoa simpática, bom amigo, bom marido, bom pai...

✔ Mulheres (namorada, esposa, ex-namorada, ex-mulher)



39

## Consequências da violência



⇒ Consequências físicas:

- dores de cabeça;



- nódoas negras;



## Consequências da violência



⇒ Consequências físicas:

- emagrecimento excessivo;

- gravidez indesejada;

- DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis);

- suicídio.



41

## Consequências da violência



⇒ Consequências psicológicas:

- Tristeza, ansiedade, angústia;

- Vergonha;

- Culpa;



42

## Consequências da violência



⇒ Consequências psicológicas:

- Baixa auto-estima;



- Isolamento;



- Depressão;



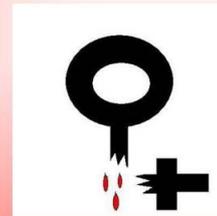
43

## STOP à Violência...



Por tudo isto...

basta de Violência!



termina a relação!



## STOP à Violência...



Mas atenção...

fim da relação ≠ fim de violência



≠



Toma, pois, medidas de segurança!

45

## Medidas de segurança



- Muda nº telemóvel e o e-mail;
- Muda fechadura do cacifo da escola;
- Procura andar acompanhada (o);
- Procura caminhos alternativos para te deslocares aos locais que habitualmente frequentas;
- Dialoga da situação com pessoas da tua confiança;
- Grava no telemóvel contactos fundamentais em caso de emergência

46



Não te cales...

tem coragem e...

**DENUNCIA!**

47

## Como fazer?



Em caso de agressão/emergência:

- pedir socorro;
- ir a um hospital ou centro de saúde;
- apresentar queixa ou fazer denúncia.

48

## Como fazer?



Contacta:

- Linha de Emergência Nacional = **144**

- Linha Telefónica de Informação às Vítimas de Violência Doméstica = **800 202 148**

- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima  
**apav.sede@apav.pt**



49

## Como fazer?



Contacta:

- CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género  
**cig@cig.gov.pt**

- AMCVD - Associação de Mulheres contra a Violência  
**amcvportugal@hotmail.pt**

- AMAR – União Mulheres Alternativa e Resposta  
**amar\_lisboa@netcabo.pt**



50

Não te cales...



Sê tu própria (o) e...  
grita bem alto

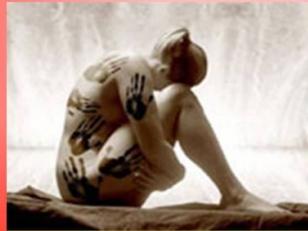


51

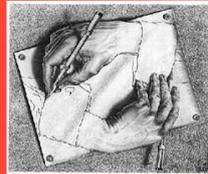
É bom AMAR...



e viver o amor  
sem marcas.



52



•Caso de Violência no Namoro – Vídeo

[http://www.youtube.com/watch?v=uPf9CqKV  
TUs&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=uPf9CqKV<br/>TUs&feature=related)

•Questionário

53  
MUITO OBRIGADO ©